

Telma de Barros Correia

Arquiteta e urbanista, professora associada do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, Avenida Trabalhador Sancarlense, 400, CEP 13566-590, São Carlos, SP, (16) 3373-9294, tcorreia@sc.usp.br

Resumo

O artigo trata da arquitetura industrial erguida no Brasil no período de 1880 a 1950. Aborda a arquitetura de fábricas e de suas construções anexas – casas, hospitais, escolas, etc. –, investigando a ocorrência de elementos da linguagem clássica e a forma vaga, modificada e incompleta como estes elementos são apropriados.

Palavras-chave: fábricas, vilas operárias, linguagem clássica.

A arquitetura e Indústria

Durante o século XIX a indústria brasileira se expande progressivamente, inicialmente atingindo, sobretudo, a produção de ferro e de tecidos. Até 1880, entretanto, suas instalações raramente indicavam seu uso. Era rara a ocorrência de tipologias específicas ou elementos formais que remetessem a uma estética nitidamente industrial. Os prédios que as abrigavam se aproximavam da forma dos mosteiros do período colonial ou das casas grandes de fazendas. O fato de muitas das primeiras fábricas terem se instalado em fazendas, aproveitando construções pré-existentes, aproximava ainda mais o cenário fabril brasileiro daquele das propriedades agrícolas da época.

Por volta de 1880 se difunde uma alteração importante nos espaços ligados à produção industrial no Brasil, os quais assumem cada vez mais claramente uma feição própria. Tal feição é marcada, sobretudo, pelas altas chaminés e por uma alteração da forma dos prédios influenciada por modelos europeus e americanos. Modificações profundas são introduzidas no programa dos espaços ligados às indústrias,

que tendem a se tornarem mais complexo, ao mesmo tempo em que suas dimensões tendem a se ampliar.

A arquitetura do passado, entretanto, continua a influenciar fortemente estes espaços até, pelo menos, 1950. Tal influência pode ser identificada em duas vertentes, ambas vinculadas - embora de forma vaga, modificada e incompleta - à linguagem clássica.

Em uma destas vertentes, elementos da linguagem clássica são recuperados a partir de modelos disseminados no país durante o período colonial. Nela casas de porta e janela surgem em blocos - dotados ou não de alpendre - preservando tanto a implantação e os materiais, quanto a simplicidade e desnudamento de ornatos da arquitetura colonial. Trata-se de uma continuidade da tendência que norteou a construção dos conjuntos arquitetônicos gerados por engenhos, fábricas e mineradoras no país até 1880, no sentido de recuperar muito da forma da arquitetura de engenhos e fazendas anteriores.

1 O núcleo fabril de Paulista, criado pela Companhia de Tecidos Paulista, de propriedade da família Lundgren, foi um dos maiores do Brasil. Situado em Pernambuco, contou, além das fábricas têxteis e de cerca de seis mil moradias operárias, com porto e ferrovia particulares, matas (de onde se retirava a madeira utilizada até a década de 50 como combustível para caldeiras à vapor), cerâmica, atividades agrícolas, serviço próprio de abastecimento d'água e energia elétrica, igreja, feira, parque, cinema, clínica, teatro, escola, clube e campos de futebol.

2 O núcleo fabril de Rio Tinto, também de propriedade da família Lundgren, começou a ser erguido em 1918, em localidade rural no município de Mamanguape, na Paraíba. Chegou a contar com 2613 casas e uma população de cerca de 19 mil pessoas. Reunia, além das fábricas, porto, usina termelétrica, matas, ferrovia privada, fábrica de tijolos, serraria, oficina mecânica, fundição, escola, posto de saúde (depois hospital), padaria, farmácia, clubes, cinema, feira, barracão, escola SENAI (fundada em 1946), alojamentos para solteiros e casas.

3 Em 1939, Moreno – localizado em Pernambuco – reunia cerca de 700 casas, consultório médico, creche, clube de esportes e várias escolas. Desde os seus primeiros anos contava com ferrovia privada e serviço de abastecimento de água.

4 A partir de 1911, a Cia. Agrícola e Industrial Cícero Prado centralizou na Fazenda Coruputuba, no estado de São Paulo, culturas agrícolas em larga escala, plantações de eucalipto, atividades pecuárias e, depois de 1927, uma grande fábrica de papel e celulose. Para abrigar seus empregados, a empresa ergueu um grande núcleo fabril, reunindo igreja, clube, armazém, cinema, área para prática de esportes e cerca de 500 moradias. No início da década de 1950, moravam na Fazenda mais de três mil pessoas (D'ARACE, 1954, 217).

5 A Fábrica Esther de fiar e tecer algodão, com o nome *continua próxima pág.*

A segunda destas vertentes – expressa de maneira ampla e persistente no período – refere-se ao emprego, de maneira um pouco menos vaga e incompleta, de elementos do vocabulário clássico. Sobretudo entre 1880 e 1930, disseminam-se componentes vinculados à linguagem clássica – tais como frontão, entablamento, óculo, platibanda, colunas, pilastras e alpendres que em alguns casos aproximam-se da forma da loggia – em construções diversas ligadas à indústria, tais como fábricas, equipamentos de uso coletivo (hospital, escola, armazém de consumo, etc.) e, especialmente, em casas, sejam elas destinadas a proprietários, a gerentes ou a operários.

A Permanência de Modelos Coloniais de Moradias Urbanas e Rurais

Na arquitetura de vilas operárias e núcleos fabris, no período entre 1880 a 1950, surge frequentemente exemplares inspirados em modelos tradicionais brasileiros de moradia urbana. Nesse momento foi bastante comum nestes lugares a ocorrência do padrão urbano de casas térreas de porta e janela, dispostas em renque, desprovidas de recuos frontais ou laterais. Os telhados em duas águas, têm a cumeeira perpendicular à rua e são cobertos com telhas cerâmicas do tipo canal ou francesa.

Em núcleos fabris os blocos de casas de porta e janela com beirais – cujas fachadas apresentam como únicos ornatos cercaduras feitas em madeira ou reboco – foram bastante comuns nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do XX. Tais construções surgiram nos núcleos fabris de Paulista¹, de Rio Tinto², de Moreno³, da Fazenda Coruputuba⁴, de Santo Aleixo⁵, no criado pela Fábrica Cachoeira⁶ e no erguido pela Companhia de Fiação Cometa, no Meio da Serra, em Petrópolis.⁷

Nas vilas operárias erguidas em cidades, esta solução foi rara, provavelmente devido às normas que se difundiram na segunda metade do século XIX, exigindo a criação de platibandas nas fachadas voltadas para as ruas. Entretanto, esta solução foi localizada em algumas das casas da Vila Santa Luzia – criada no bairro da Torre, no Recife, a partir de 1890 pela Companhia de Fiação e Tecidos de Pernambuco S.A.⁸ – e da vila operária da Vidraria Santa Marina – construída no bairro da Água Branca,

em São Paulo, a partir do final do século XIX⁹. Casas com fachadas semelhantes foram erguidas na Vila Diogo, construída em 1922, em Fortaleza, pela firma Antônio Diogo Siqueira & Gurgel Ltda. Esta empresa na década de 1930 era proprietária ou sócia naquela cidade de fábricas têxteis – Fábrica Ceará Industrial (fundada em 1894), Fábrica Santa Elisa (fundada em 1904), Fábrica Santo Antônio (fundada em 1925) e Fábrica São Luiz (fundada em 1925) –, de cigarro – Manufatura Araken de Cigarros – e de sabão e óleo – Usina Gurgel¹⁰. Nessa vila, atendendo provavelmente a exigências da legislação urbana, as casas voltadas para as ruas têm platibandas, enquanto as que têm acesso através das vielas internas são desprovidas deste elemento.

Em alguns casos uma cornija em alvenaria é introduzida em beirais que geralmente se estreitam, em um movimento de sofisticação da fachada que costumava ser acompanhado pela substituição das folhas de madeira de portas e janelas por esquadrias empregando vidros e/ou venezianas. Tal tratamento ocorre em casas em Paulista, Moreno, na vila operária da Companhia Industrial e Construtora Pantaleone Arcuri & Spinelli, em Juiz de Fora¹¹ e na vila operária composta por 45 casas erguidas em 1925 pela Companhia de Fiação e Tecelagem São Pedro, em Itu.¹² Nesse último caso, assim como em casas das vilas da São Joanense, em São João Del-Rei, e da Tecelagem Carioca, no Rio de Janeiro, o padrão de implantação persiste, enquanto a moldura em torno dos vãos é modificada, afastando-se do modelo tradicional. Nota-se que nos casos da São Pedro e da Carioca, as fachadas de cada grupo de duas casas são tratadas como uma composição simétrica unitária, que no primeiro caso tem seus limites definidos por um elemento em alto relevo que sugere uma pilastra rusticada

Este padrão, com um pouco mais de requinte, também surge em dois outros casos. Um diz respeito às casas construídas pela Tecelagem Bernardo Mascarenhas, em Juiz de Fora, final da década de 1910 (MOREIRA, 2007)¹³. Projetadas pelo engenheiro Walter Spruck, suas fachadas contam, além de cornija, com pilastras e cercaduras em torno dos vãos, e – em uma das duas tipologias projetadas – também com um pórtico. O outro exemplo, refere-se a casas erguidas pela Fábrica Bonfim, no Rio de Janeiro, comprada em 1903, pela

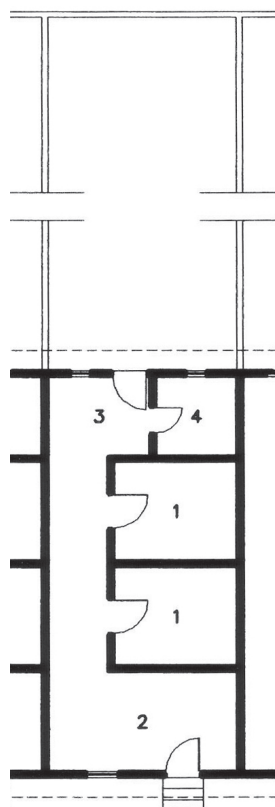


Figura 1: Casas em Pau-Lista, núcleo fabril criado pela Companhia de Tecidos Paulista, em Pernambuco. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila (desenvolvida pelos professores Philip Gunn e Telma de Barros Correia), 1995. Legenda: 1. Quarto; 2. Sala; 3. Cozinha; 4. Sanitário.



Figura 2: Casas em Rio Tinto, núcleo fabril criado pela Companhia de Tecidos Rio Tinto, na Paraíba. Fonte das fotos: Acervo da pesquisa Nuvila, 1995. Fonte das plantas baixa: PANET, 2002, p 47 e 48.

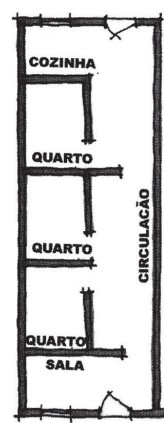
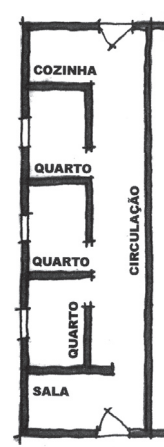




Figura 3: Casas da Fábrica de Tecidos Cachoeira, em Inimutaba, Minas Gerais. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 1998.

Figura 4: Moradias em Moreno, núcleo fabril criado pela Société Cottonnière Belge-Brésilienne, a partir de 1909, em Pernambuco. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 1995.



Figura 5: Moradias na Fazenda Coruputuba, núcleo fabril da Cia. Agrícola e Industrial Cícero Prado, em Pindamonhangaba, São Paulo. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 2001.

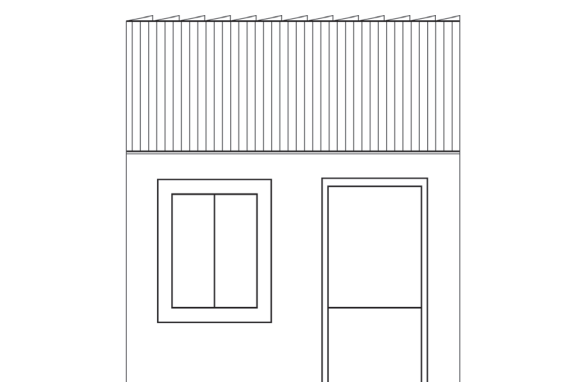
Figura 6: Moradias da Fábrica Esther, em Santo Aleixo, estado do Rio de Janeiro. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 1998.





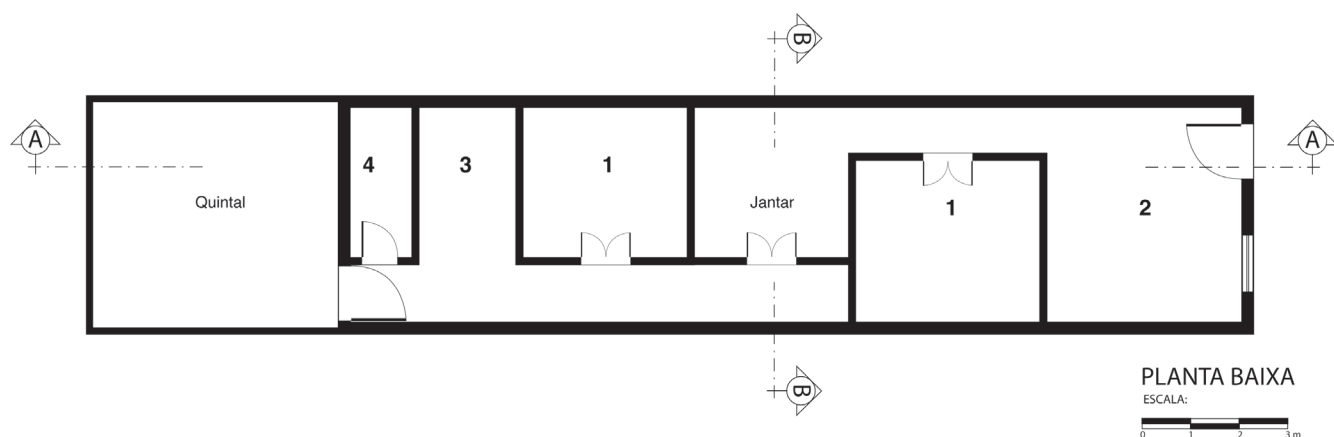
Figura 7: Trecho da Vila Santa Luzia, criada no bairro da Torre, no Recife, a partir de 1890, pela Companhia de Fiação e Tecidos de Pernambuco S.A. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 1996.

Figura 8: Casas na Vila Digo, construída em 1922, em Fortaleza. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila (desenho feito com base em imagens publicadas em ANDRADE, 1990, p. 172.). Legenda: 1. Quarto; 2. Sala; 3. Cozinha; 4. Sanitário.



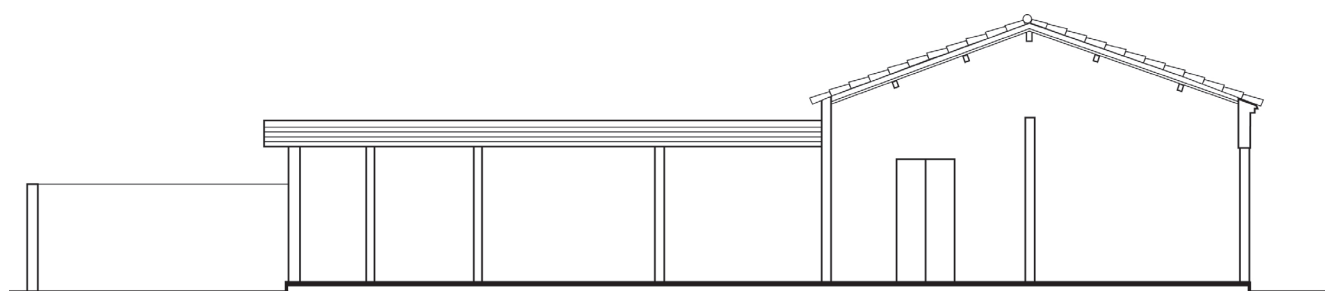
CORTE - A.A

ESCALA:



PLANTA BAIXA

ESCALA:



CORTE - A.A

ESCALA:





Figura 9: Casa em Paulista, núcleo fabril criado pela Companhia de Tecidos Paulista, em Pernambuco. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 1995.



Figura 10: Casa em Moreno, núcleo fabril criado pela Société Cotonnière Belge-Brésilienne, a partir de 1909, em Pernambuco. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 1995.



Figura 11: Casas da vila operária da Companhia de Fiação e Tecelagem São Pedro, em Itu, São Paulo. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 2001.

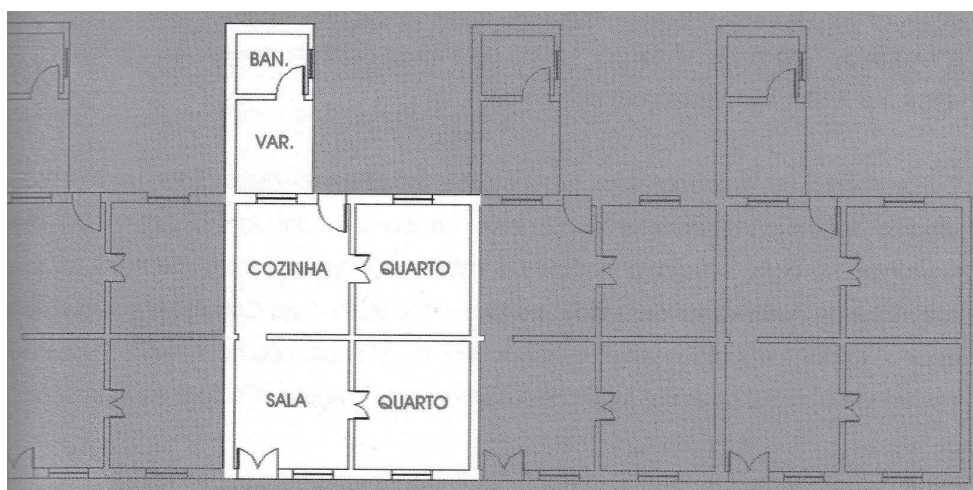
Figura 12: Casas da Cia. Têxtil São Joanense, em São João Del-Rei, Minas Gerais. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 1998.





Figura 13: Casas da Tecelagem Carioca, no Jardim Botânico, Rio de Janeiro. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 1998.

Figura 14: Casas construídas em meados da década de 1910, da Companhia Industrial e Construtora Pantaleone Arcuri & Spinelli, em Juiz de Fora. Fonte: MOREIRA, 2007, p 239.



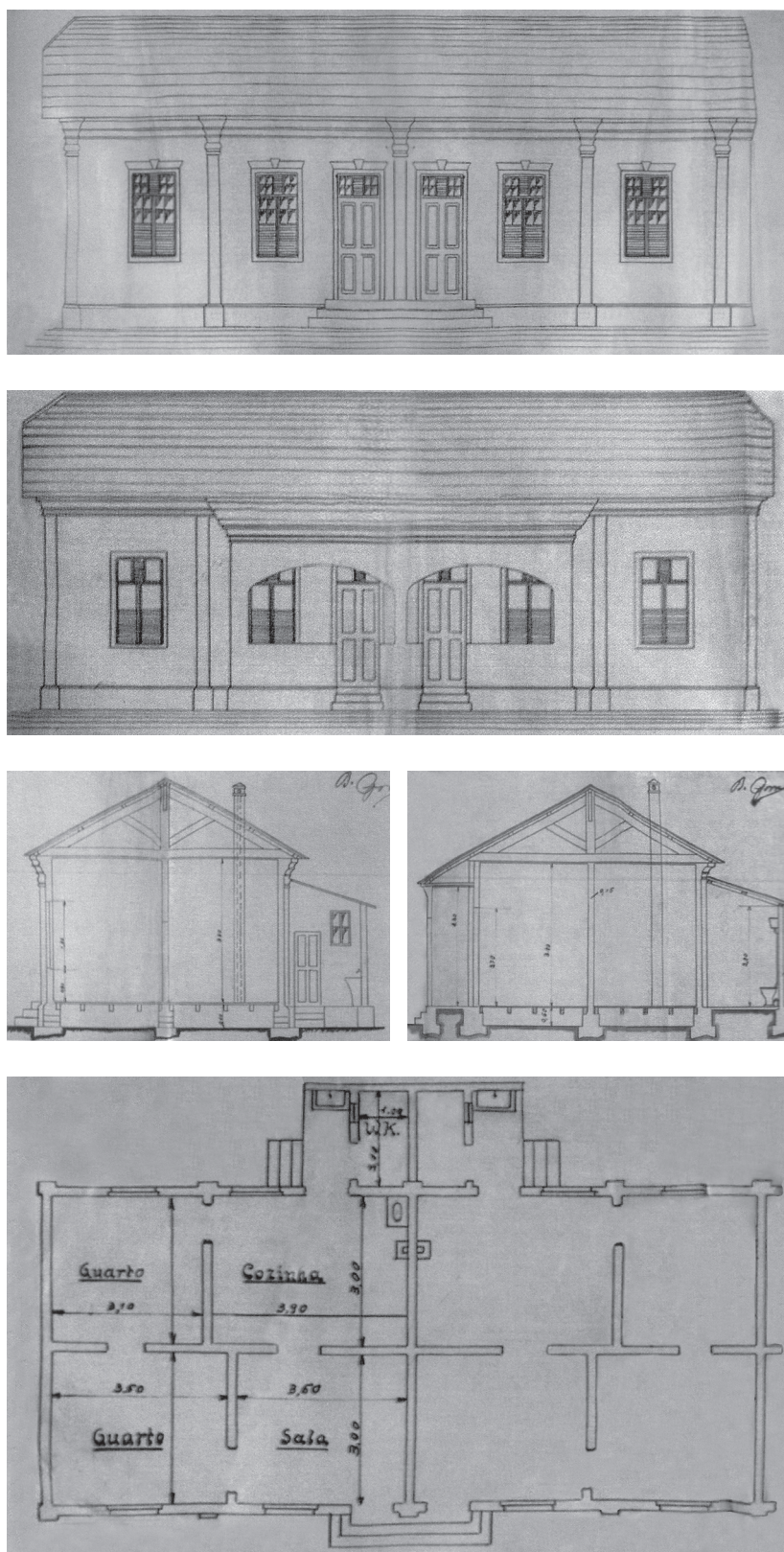


Figura 15: Casas construídas no final da década de 1910, pela Tecelagem Bernardo Mascarenhas, em Juiz de Fora, segundo projeto do engenheiro Walter Spruck. Fonte: MOREIRA, 2007, p 234 e 236.

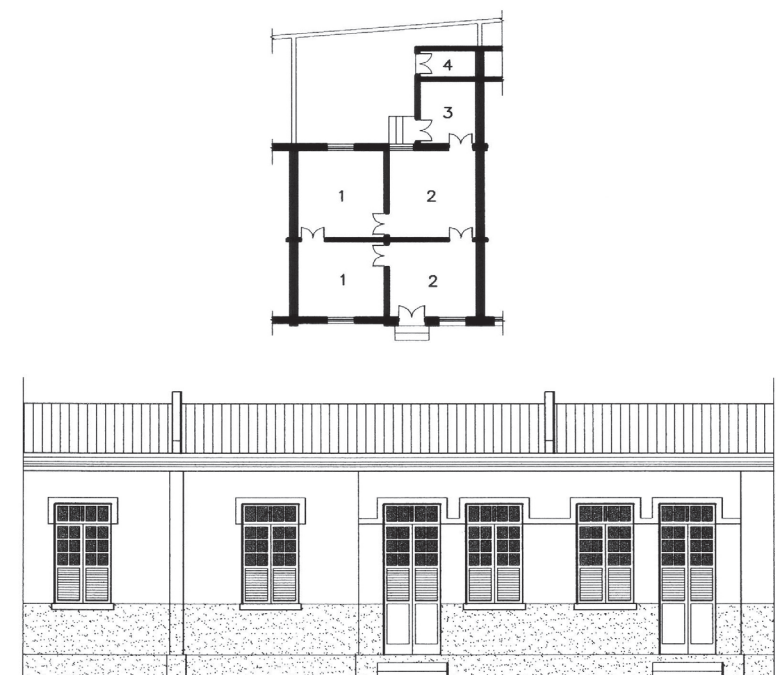
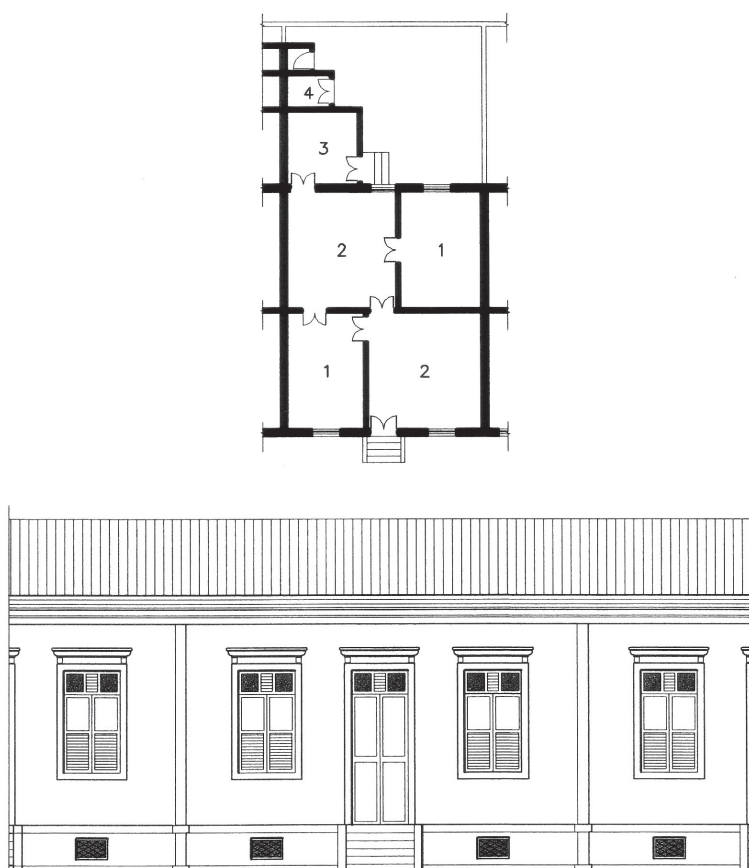


Figura 16: Casas construídas pela Fábrica Bonfim, da Companhia América Fabril, no início do século XX na região portuária do Rio de Janeiro. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila (desenho feito com base em projeto original publicado em VON DER WEID & BASTOS, 1986, p. 170 e p. 177). Legenda: 1. Quarto; 2. Sala; 3. Cozinha; 4. Sanitário.



de Fábrica Imperial, fundada em 1849, foi uma das primeiras indústrias têxteis do Brasil. Situada em Santo Aleixo, no estado do Rio de Janeiro, junto às suas instalações, ergueu um núcleo fabril que, segundo Sônia Gonzaga, chegou a ter cerca de 400 casas (OLIVEIRA, 1992, 34). A fábrica também construiu igreja, escola, Clube Social e Esportivo, armazém de abastecimento, cooperativa de crédito, loja da fábrica e posto médico.

⁶ Esta fábrica foi implantada na Fazenda Cachoeira, em Minas Gerais, distante 9 quilômetros da cidade de Curvelo. Junto à fábrica foi erguido um núcleo residencial que além de casas e alojamentos para operários e para operárias solteiras, contou com escola desde seus primeiros anos. Na década de 1890, foi criada pela fábrica uma farmácia, uma igreja e um armazém, para vender gêneros de primeira necessidade aos operários, e posteriormente clube, cinema e açougue.

⁷ Fundada em 1903, a Companhia Cometa, a fábrica gerou no Meio da Serra, em Petrópolis, um núcleo fabril com casas, escola, igreja e armazém de consumo.

⁸ Na década de 1950, além de escola e creche, esta vila operária contava com cerca de 400 moradias, incluindo além de casas para operários, algumas destinadas a gerentes.

⁹ Há uma foto desta vila em Habitação Popular no Brasil: 1880-1920 (REIS, 1994, 18). A Vidraria Santa Marina foi fundada em 1897, tendo como objetivo fornecer garrafas para a Cervejaria Antártica, localizada em terreno vizinho. Junto às suas instalações fabris criou um conjunto de cerca de 250 casas para parte de seus empregados casados, enquanto aos solteiros oferecia dormitórios coletivos. Um armazém de consumo e uma escola também foram criados pela fábrica, o primeiro terceirizado e a segunda administrada pelos operários (WERNER, 1981).

¹⁰ A Vila Diogo, construída em 1922, foi erguida pela firma Antônio Diogo Siqueira & Gurgel Ltda., empresa que continua próxima pág.

Companhia América Fabril¹⁴, cujas fachadas também contavam com cornija, cercaduras e pilastras. Em algumas delas, atendendo a demandas de ordem higienista, um porão baixo foi criado. Em ambos os exemplos a composição das fachadas é simétrica, reunindo uma ou duas casas geminadas.

Em outros exemplos, ocorrem habitações inspiradas e modelos tradicionais brasileiros de moradias rurais. Nestes casos, grupos de casas térreas semelhantes, de porta e janela, recebem alpendres frontais. Tais alpendres remetem à arquitetura de senzalas – tipo de moradia para escravos que se difunde nos séculos XVIII e XIX – erguidas em engenhos de açúcar do Nordeste, cujo modelo usual foi uma construção composta por uma *“série de cubículos contíguos em linha, com um alpendre comum ao longo de todo o edifício e cobertos com um mesmo telhado de duas águas”* (GOMES, 1998, 43).

Em exemplos mais remotos, estes alpendres também se fizeram presentes nas moradias indígenas, construídas nas missões criadas pelos jesuítas – no sul do Brasil e em outros países da América Latina – nos séculos XVI e XVII. A Missão de São Miguel, fundada em 1632 no Rio Grande do Sul, é um exemplo do uso destes alpendres. Descrevendo este assentamento, Lucas Mayerhofer assinalava o aparente contraste entre o requinte desta galeria e a moradia de um único cômodo destinada aos indígenas à qual se acessava através dela, bem como o fato da galeria se estender aos demais prédios do povoado:

“... as casas dos indígenas [eram] construídas em blocos cobertos por telhados de quatro águas, com grandes varandas que as cercavam de todos os lados, de forma que se podia percorrer o Povo ao abrigo do sol e da chuva. (...) Os pórticos ou galerias ao longo das ruas, que constituíam o luxo da Arquitetura na Antiguidade e tinham sido novamente postos em favor pelo Renascimento (Loggia dei Lanzi, em Florença), foram aqui prodigalizados a um ponto que contrasta com o primitivismo das habitações, onde uma família inteira apenas dispunha de um único compartimento para todas as necessidades de moradia. Pelos alinhamentos de bases existentes, vê-se que, além de circularem as habitações dos indígenas, esses alpendrados se estendiam pela frente da igreja, do Colégio e do cemitério; em volta dos

pátios internos do Colégio e por trás deste, dando para a quinta dos jesuítas; externa e internamente no edifício do hospital” (MAYERHOFER, 1947, 60 e 67).

Este alpendre ou galeria coberta é um elemento da arquitetura clássica que no Renascimento tornou-se usual em moradias nobres erguidas na cidade e no campo. O termo *loggia* – que começou a ser usado a partir do século XIV para nomear as galerias apoiadas em pilares ou arcadas e que significa lugar de reunião – revela como, além de suas finalidades plásticas, estes eram espaços de grande utilidade. Nas senzalas eram amplamente apropriados como local de preparo de alimentos e de sociabilidade entre vizinhos.

Em núcleos fabris foi localizada a presença de alpendres no Rio Grande do Sul, em Pernambuco, Paraíba e Alagoas. Trata-se de elemento solidário com o conforto diante do calor, do sol, das chuvas e dos ventos, protegendo a fachada do sol e criando um passeio coberto protegido. Trata-se também de espaço intermediário entre a casa e a rua, ora criando um anteparo que protege o interior da residência, ora propiciando um espaço de encontro entre vizinhos. Trata-se ainda de elemento que valoriza em termos formais construções extremamente simples em termos de forma, programa e materiais.

No Rio Grande do Sul o alpendre aparece em moradias de mineiros da Companhia Carbonífera Rio-Grandense, em Butiá¹⁵. No Nordeste, o alpendre surge em Pontezinha – núcleo fabril não abordado neste artigo por ter sido erguido antes de 1880 –, em Pedra – como veremos a seguir –, em Paulista e em Rio Tinto.

Em algumas tipologias de casas presentes em Rio Tinto, o alpendre comum é compartilhado por duas casas geminadas.

No caso da vila operária do Cotonifício Othon Bezerra de Mello S.A., construída no bairro de Apipucos, no Recife, durante as décadas de 1930 e 1940,¹⁶ o alpendre surge segmentado, delimitando um terraço exclusivo para cada moradia que compõe o bloco de casas. Neste caso, apesar de se tratar de vila erguida em cidade, os beirais estão presentes na fachada voltada para a rua, como no caso da Vila Santa Luzia, na mesma cidade.

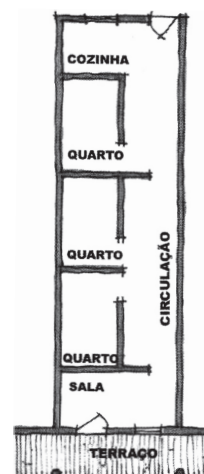


Figura 17: Moradia de mineiros da Companhia Carbonífera Rio-Grandense, em Butiá, Rio Grande do Sul. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 1997.

Figura 18: Casas em Rio Tinto, núcleo fabril criado pela Companhia de Tecidos Rio Tinto, na Paraíba. Fonte da foto: Acervo da pesquisa Nuvila, 2001. Fonte da planta baixa: PANET, 2002, p. 49.



Figura 19: Moradias em Rio Tinto, núcleo fabril criado pela Companhia de Tecidos Rio Tinto, na Paraíba. Fonte da foto: Acervo da pesquisa Nuvila, 2001. Fonte da planta baixa: PANET, 2002, p. 52.

Figura 20: Casa na vila operária erguida pelo Cotonifício Othon Bezerra de Mello S.A. no bairro de Apipucos, Recife, Pernambuco. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 2000.



construiu três vilas operárias – Diogo, Araken e Gurgel – totalizando 122 moradias. A Vila Diogo localizava-se em área próxima ao centro da cidade, junto à Fábrica Santa Elisa e à fábrica Ceará Industrial. Reunia 66 casas, situadas em duas quadras paralelas. As casas desta vila são semelhantes: construídos no alinhamento do terreno; dispostas em blocos; edificadas em alvenaria de tijolos, cobertas com telhas de barro, com piso de cimento e destituídas de forros; dotadas de uma porta e uma janela na fachada; têm cerca de 82m² de área, distribuída em sala de estar, sala de jantar, dois quartos, corredor, cozinha, banheiro e quintal.

¹¹ Em meados da década de 1910, esta empresa ergueu uma vila operária com 17 casas. As casas compunham-se de sala, cozinha, dois quartos e sanitário a área de serviço (MOREIRA, 2007).

¹² Em 1925 foi construída por essa fábrica uma vila operária junto às suas instalações fabris no Bairro Alto, em Itu. Posteriormente um clube e uma escola foram erguidos pela Empresa junto à vila, enquanto outras casas eram construídas, totalizando cerca de sessenta casas de propriedade da fábrica. As 45 casas construídas nos anos vinte têm sala, copa, dois quartos, cozinha e sanitário.

¹³ No final da década de 1910, a fábrica construiu uma vila operária com 25 casas. O projeto original, de autoria do engenheiro Walter Spruck, previa dois tipos de casas, com ou sem um pequeno alpendre frontal, mas apenas o segundo tipo foi construído, tendo havido também uma simplificação dos elementos decorativos – já limitados – presentes no projeto. (MOREIRA, 2007, 233). As casas construídas compunham-se de sala, cozinha, dois quartos e sanitário a área de serviço.

¹⁴ A Bonfim situava-se na região portuária do Rio de Janeiro. Suas casas foram edificadas em sua maioria nas duas primeiras décadas do século XX, embora até 1943 tenha prosseguido a construção de moradias por essa fábrica (VARON, 1987, 209).
continua próxima pág.

Nos exemplos citados acima, as permanências de padrões de moradias herdados da colônia manifestam-se em termos da implantação, da forma estreita e alongada do lote, da disposição da planta, do desenho das fachadas e do modelo de cobertura. O programa trás inovações. Se comparado ao programa usual da senzala ou da moradia dos índios nas missões, o programa se amplia, passando dos usuais um ou dois cômodos internos – eventualmente acrescidos de galeria – para uma subdivisão mais complexa, que define áreas de estar, íntimas e de serviços. Se comparado ao programa usual da casa urbana colonial térrea – portanto, habitada usualmente por moradores pobres ou remediados – observa-se que se de um lado o programa pode manter a disposição tradicional, apenas substituindo a sala de jantar por cozinha, que fica incorporada ao corpo central da casa; ou pode, além disto, romper de forma mais efetiva com esta disposição, eliminando o corredor e substituindo as alcovas por quartos. Tais inovações atendem, sobretudo, a demandas de ordem higienista.

Indícios do classicismo na indústria

Como nas construções citadas anteriormente, as que serão tratados a seguir não podem ser consideradas expressões de arquitetura clássica, pela distância em termos de tempo e espaço que separa estas construções dos modelos clássicos. Também não seguem as regras da composição clássica em termos de proporção, harmonia e simetria e de uso padronizado das ordens, dos modelos de aberturas, frontões e ornamentos. Entretanto, tais construções podem ser analisadas à luz desta linguagem se for julgado possível estabelecer esta ligação com base apenas na presença de traços mínimos e de indícios leves da linguagem clássica. A segunda perspectiva é aceita por Summerson:

“...a arquitetura clássica é reconhecível como tal (...) quando contém alguma alusão, ainda que vaga, ainda que residual, às “ordens” da Antiguidade. Tal alusão pode não ser mais do que um sulco ou uma saliência que sugira a presença de uma cornija ou uma distribuição de janelas que sugira a razão entre pedestal e coluna, entre coluna e entablamento” (SUMMERSON, 1994, 5).

Sem, entretanto, classificar a arquitetura que será investigada como clássica, é nesta possibilidade de identificação de emprego de maneira vaga e incompleta que localizamos elementos do vocabulário clássico no cenário fabril brasileiro, no período entre 1880 e 1950. Neste momento, seguindo uma tendência que já podia ser detectada anteriormente – por exemplo, no conjunto criado pela Real Fábrica de Ferro de Ipanema, em Sorocaba – este vocabulário se faz presente numa série de edificações ligadas a indústrias. Em versões extremamente despojadas e econômicas, esta linguagem foi aplicada em equipamentos de uso coletivo, como hospital, escola, clube, etc., em casas para funcionários graduados e, sobretudo, em blocos de pequenas casas para operários. A seguir buscamos identificar padrões construtivos e o emprego

Trata-se, salvo exceções, de prédios simples, erguidos com materiais baratos e, geralmente, de pequenas dimensões, nos quais a busca de economia é um dos norteadores principais da construção. O emprego parcimonioso de ornatos reduz o vocabulário a alguns elementos e/ou regras básicas de composição. A busca de simetria e o eventual emprego de elementos como pilastras, cornijas, frontões (sempre lisos tendo, no máximo, um óculo), platibandas, colunas, entablamento e cercaduras, são as ferramentas básicas que compõem o escasso vocabulário estilístico mobilizado.

Esta foi uma arquitetura erguida com grande liberdade em relação às normas de composição *beaux-arts*, ainda amplamente difundidas no período. É também, salvo exceções, uma arquitetura construída sem seguir projetos concebidos por engenheiros ou arquitetos. Esta liberdade pode ser constatada na freqüente subversão de regras, exemplificada no uso de colunas sem entablamento, de entablamento sem colunas, de pilastras sem capitéis, etc. Além da ausência de especialistas formados, esta simplificação pode estar associada à busca de economia que norteia o mundo industrial, especialmente no caso de uma indústria nascente como a brasileira e de fábricas e empresas de mineração de pequeno ou médio porte, como foram a maioria das que geraram as construções que serão tratadas a seguir.

Um dos conjuntos edificados reunia moradias – erguidas sobre porões – com duas salas, dois quartos, cozinha, sanitário e quintal.

¹⁵ A Companhia Carbonífera Riograndense foi fundada em 1917 em Butiá, onde construiu um núcleo fabril com moradias, igreja, alojamentos para solteiros, escola, armazém cooperativo, cinema, clube social, clube de futebol e banda de música. Em 1935, a empresa inaugurou o Poço 2 e junto a ele um outro núcleo residencial – denominado de Vila Nova – com moradias e igreja. Na década de 1940, foi criado o Poço 3, junto ao qual nova área residencial surgiu.

¹⁶ O Cotonifício Othon Bezerra de Mello S.A. foi fundado em Apipucos, bairro do Recife, em 1895, onde nas décadas de 1930 e 1940, construiu uma grande vila operária. Em 1941 havia 321 moradias e anunciava-se que a previsão era de atingir 521 casas. O empreendimento reuniu ainda escola, igreja, clube, cinema e posto médico e dentário.

¹⁷ O neoclássico se difundiu na Europa, sobretudo, entre meados do século XVIII e meados do XIX. Summerson o define como uma arquitetura que tende à simplificação racional e que busca utilizar as ordens com maior fidelidade arqueológica: “Razão e arqueologia são os dois elementos complementares que caracterizam o neoclassicismo e o diferenciam do barroco” (SUMMERSON, 1994, 94). O neoclássico buscou inspiração direta na arquitetura da Era Clássica, adotando como características sobriedade, monumentalidade, simetria e regularidade das proporções, buscadas através de medidas e cálculos, da parcimônia no uso das cores e do respeito aos cânones e gramáticas do vocabulário clássico, especialmente com relação ao emprego das ordens. No Brasil, o estilo se difunde, sobretudo, entre 1820 a 1870, tendo sua difusão inicial se dado através especialmente de projetos elaborados por engenheiros e arquitetos. No Brasil, ao neoclássico costumam ser associadas reformas em prédios existentes, sobretudo, da supressão dos beirais e criação de platibandas.

A arquitetura que será analisada – assim como não pode ser considerada clássica – não pode ser classificada como neoclássica devido à sua distância em relação às normas que regeram este estilo¹⁷ e ao fato desta produção ser posterior ao período associado a este Movimento – que se difundiu no Brasil, sobretudo, entre a década de 1820 e a de 1870. Trata-se de uma aplicação livre e, sobretudo, muito econômica e simplificada do vocabulário clássico.

Um exemplo deste uso do vocabulário clássico é o conjunto erguido pela Tecelagem São Martinho, em Tatuí, no final do século XIX¹⁸. O prédio da fábrica, construído em 1881, é uma ampla edificação simétrica de um pavimento edificada em alvenaria de tijolos revestidos com argamassa, cujo acesso principal é assinalado por uma torre central. Embora amplamente alterado, ainda é possível nele vislumbrar o uso da linguagem clássica, sobretudo, na torre que se eleva sobre um sóbrio frontão triangular, com os andares delimitados por entablamentos. Uma seqüência de pilastras vai se estreitando e/ou se deslocando em direção ao eixo da torre, a qual também vai se tornando mais delgada a cada pavimento. Suas fachadas vão recebendo um tratamento ornamental mais profuso na medida em que os andares se tornam mais altos. Assim, no pavimento mais alto ornamentos decoram o friso e as pilastras surgem articuladas a colunas coríntias, cujos pedestais têm a mesma altura dos pedestais das pilastras e da balaustrada da janela. A verticalidade da torre, assinalada por pilastras e colunas, se contrapõem às formas circulares de envasaduras com vergas em arco pleno e de óculos, as quais são sublinhadas por molduras e arquivoltas e se compõem com as formas arredondadas de desenhos em relevo. Esta composição equilibrada tem sua verticalidade e monumentalidade reforçadas pela horizontalidade dos dois corpos laterais do prédio e pelas fileiras de palmeiras imperiais que se elevam no pátio em frente à fábrica.

Para Helena Saia, este prédio é importante para a história da arquitetura e da indústria têxtil por se tratar da “... primeira fábrica paulista a ostentar tanto nas soluções de espaços internos quanto nos desenhos de fachadas, uma linguagem que identifica o uso industrial” (SAIA, 1980, 170). É possível argumentar que os prédios da Real Fábrica

de Ferro de Ipanema, em Sorocaba, erguidos em torno de 1810, já tinham uma forma capaz de indicar seu uso fabril. Entretanto, ao contrário das fábricas têxteis anteriores, cujas formas externas sugeriam casarões ou conventos, em São Martinho a arquitetura adota uma forma que traduz seu uso. Em sua delicada composição, símbolos da noção de tempo que preside à ordem industrial são introduzidos em local de destaque: o óculo abriga um relógio; e uma armação de metal no alto da torre sustenta o sino que indicava o início e o término dos turnos de trabalho.

Foi usual em vilas operárias e núcleos fabris erguidos no Brasil na época, a ocorrência em algumas casas destinadas a industriais e gerentes – onde a arquitetura deveria sublinhar uma posição hierárquica superior à dos moradores das casas operárias – do uso do vocabulário clássico de forma menos vaga, empregando amplamente seus elementos formais e seguindo com mais fidelidade suas regras de composição.

São Martinho é um exemplo neste sentido. Esta fábrica construiu em volta das instalações industriais, casas para operários e dirigentes, além de farmácia, armazém de víveres e escola. O conjunto reúne cerca de 60 casas menores geminadas e três moradias maiores. A posição hierárquica dos moradores se inscreve de forma nítida nestas casas.

A residência do industrial é uma imensa habitação de dois pavimentos sobre porão, cercada de jardins. Ocupa um terreno elevado em frente à fábrica, adotando uma posição panóptica em relação às instalações industriais e à vila operária. Suas quatro fachadas são profusamente ornamentadas. Pilastras rusticadas no primeiro pavimento e com desenhos em relevo no segundo, dividem as fachadas simétricas em três partes: uma central assinalada por frontão triangular nas fachadas laterais e por porta na fachada principal e duas laterais semelhantes. A varanda de ferro que envolve o primeiro pavimento tem um rendilhado rebuscado que destoa das linhas sóbrias das fachadas e introduz na casa um elemento que remete à estética fabril. Tal estratégia construtiva é, entretanto, absolutamente coerente com seu uso e função, já que se trata de um espaço de mediação entre a residência patronal e as áreas de produção e de moradia operária, dispostas em sua volta.

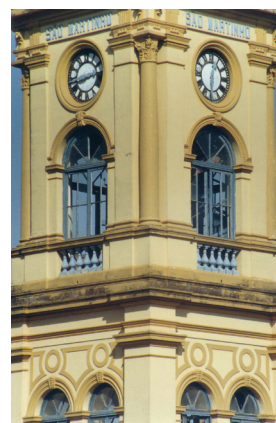


Figura 21: Tecelagem São Martinho, construída em 1880, em Tatuí, São Paulo. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 2001.

Figura 22: Implantação da Fábrica São Martinho, sua vila operária e casas de proprietário e gerentes, em Tatuí, São Paulo. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila (desenho feito com base em imagem publicada em BALLEIRAS, 2002, p.175).

Figura 23: Casa do proprietário da Tecelagem São Martinho, em Tatuí, São Paulo. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 2001.

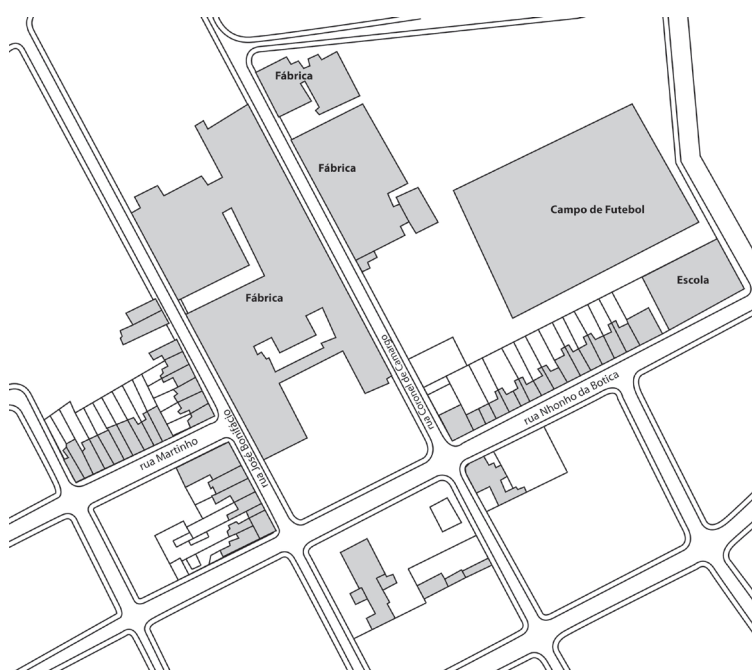




Figura 24: Casas da vila operária da Cia. de Fiação e Tecelagem São Martinho, Tatuí, São Paulo. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 2001.

Figura 25: Casas da vila operária da Cia. de Fiação e Tecelagem São Martinho, Tatuí, São Paulo. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila (desenho feito com base em imagens publicadas em BALLEIRAS, 2002, p. 244). Legenda: 1. Quarto; 2. Sala; 3. Cozinha; 4. Sanitário.

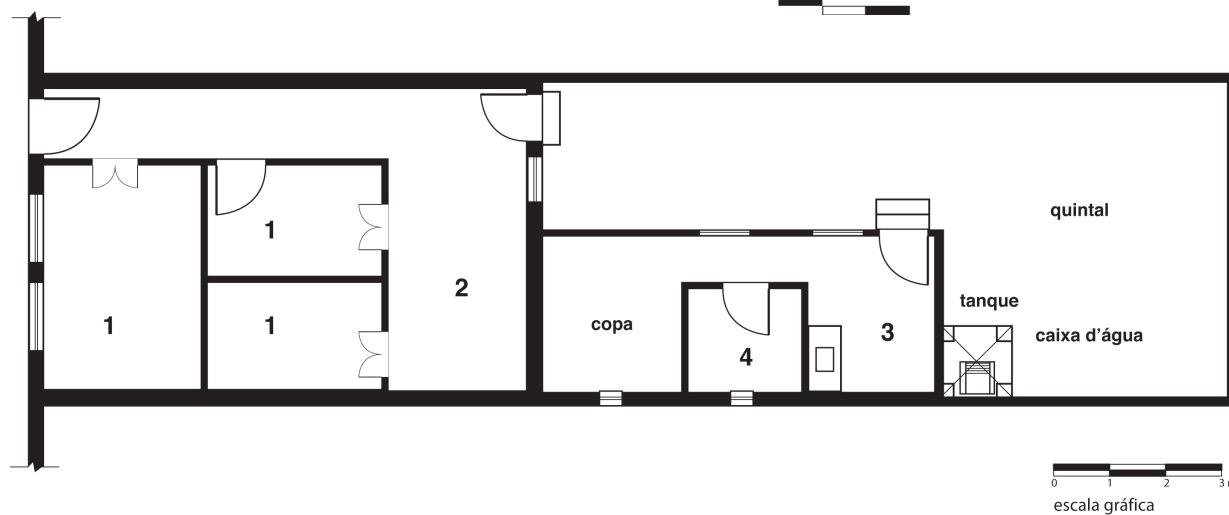
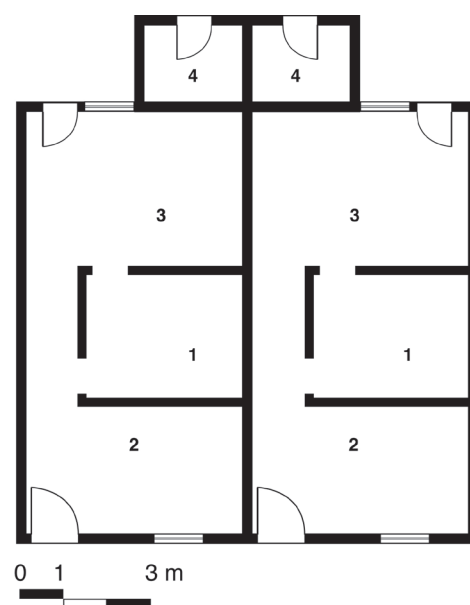




Figura 26: Casa da Fábrica Cruzeiro, Andaraí, Rio de Janeiro. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 1996.

Figura 27: Casa de gerente no núcleo fabril da Marzagão, Minas Gerais. Fonte: Vanda Quecini, 2008.

Figura 28: Casa destinada a gerente erguida pela Tecelagem São Martinho, em Tatuí, São Paulo. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 2001.





Figura 29: Hospital criado pela Companhia Estrada de Ferro e Minas São Jerônimo (depois Copelmi) em Arroio dos Ratos, Rio Grande do Sul, em 1908. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 1997.

Figura 30: Clube erguido pelo Armour em Livramento, Rio Grande do Sul. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 1997.

Figura 31: Prédios dos Escritórios e do Alojamento para solteiros erguidos pelo Armour em Livramento, Rio Grande do Sul, em 1908. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 1997.





Figura 32: Escola da Fábrica São Brás, construída em 1926, em Salvador. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 2002.

Figura 33: Casas geminadas em Moreno, Pernambuco. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 1995.

Figura 34: Armazém de consumo em Camaragibe, Pernambuco. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 1995.



Figura 35: Casas em Paulista, Pernambuco. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 1995.



¹⁸ A Cia. de Fiação e Tecelagem São Martinho, foi fundada em 1881 em Tatuí. Uma matéria de 1885 em O Auxiliador da Indústria Nacional informava que a fábrica contava com 124 operários (O Auxiliador da Indústria Nacional, jan. 1885. p. 5). Em 1901, Bandeira Júnior referia-se à existência de uma farmácia e de médico mantidos pela fábrica, (BANDEIRA JÚNIOR, 1901).

¹⁹ Em 1891, a Companhia de Fiação e Tecidos Pau Grande - que a partir de 1892 passou a se chamar Companhia América Fabril - comprou da Companhia Manufatureira Cruzeiro do Sul, uma fábrica em início de construção, situada na localidade de Engenho Velho, no Rio de Janeiro. Junto à fábrica foi construída uma vila operária, que chegou a contar com 150 moradias, cooperativa de consumo, creche, farmácia e escola. A construção de casas nesta vila se iniciou em 1894 e se prolongou até 1930. Em 1895, esta fábrica contava com uma vila operária com 52 casas (Gazeta de Notícias, 23-11-1895). Em 1900, a vila contava com 54 casas térreas e 37 quartos. Em 1906, os quartos foram substituídos por casas térreas. Em 1918, mais 29 casas foram erguidas. Em 1921, havia um total de 113 moradias, número que em 1927 subiu para 150 (VON DER WEID & BASTOS, 1986; ALBERNAZ, 1985, 61). As casas da Fábrica Cruzeiro se dispunham em vários grupos, situados no entorno do terreno da indústria e em ruas próximas. A rigor, pode-se dizer que havia sete pequenas vilas operárias, reunindo um número de casas que variava de cinco a 40 moradias. Cada uma destas vilas reunia uma tipologia de habitação, cujo tamanho variava. As casas tinham, no mínimo, sala, quarto, banheiro, cozinha e quintal.

²⁰ A Companhia Estrada de Ferro e Minas São Jerônimo, foi fundada em 1889 em Arroio dos Ratos. Junto à mina, a empresa construiu um núcleo residencial. Em 1922, a mina de Arroio dos Ratos contava com cerca de 600 moradias, além de hospital, armazém de consumo, igreja, cinema, campo de futebol, banda de música e escola (COSTA, 1922, 164).

As duas casas destinadas a gerentes são menores, têm decoração menos profusa e jardim lateral. A mais antiga delas é uma construção cuja fachada principal é simétrica, dominada por porta em arco pleno e delimitada por duas pilastras. Nela os vãos são guarnecidos com molduras e um desenho sóbrio em alto relevo decora a platibanda. Esta é, provavelmente, a casa assim descrita em 1885: *“Ao lado do estabelecimento ergue-se uma elegante habitação em que reside o diretor da fábrica, o habil engenheiro mecânico Sr. John Kenworth.”* (O AUXILIADOR DA INDÚSTRIA NACIONAL, jan. 1885. p. 5).

Outra casa destinada a gerente – de dimensões maiores e dotada de porão – ostenta entablamento, platibanda e janelas dotadas de molduras. Três pilastras ordenam a fachada principal, enquanto em uma das laterais o ritmo é estabelecido pela sucessão regular de janelas iguais.

As moradias destinadas aos operários são pequenas casas térreas dispostas em longos blocos, sem recuo frontal ou lateral, numa implantação que remete à arquitetura colonial. Têm porta e uma ou duas janelas na fachada. Algumas têm sala, alcova, cozinha, sanitário e quintal; em outras, mais amplas, o número de cômodos se amplia (BALLEIRAS, 2002). Contrastando com as casas dos chefes e com a farta decoração da casa do proprietário, têm fachadas revestidas de argamassa quase totalmente destituídas de ornatos. Nelas o vocabulário é radicalmente simplificado, a ponto de ser difícil reconhecer um viés clássico nas cimalhas modestas e nas pilastras reduzidas a um elemento em alto relevo que delimitam a fachada de cada moradia do conjunto.

A presença de pilastras delimitando os limites das fachadas de cada uma das habitações de um bloco de moradias em vila operária também pode ser observada em um grupo de 12 casas situado na Rua Duquesa de Bragança, no Rio de Janeiro, destinado a funcionários graduados da Fábrica Cruzeiro¹⁹. Nelas, ornatos no friso assinalam a marcação imprimida pelos vãos e suas molduras à fachada. São casas semelhantes, com jardim, quintal, três quartos, cozinha, sanitário e uma ampla sala (ALBERNAZ, 1985, 64). Em casa de gerente em Marzagão, Minas Gerais, motivos da linguagem clássica se expressam em fachada dotada de frontão triangular e pórticos com colunas, que se prolongam nas fachadas laterais.

O hospital criado em Arroio dos Ratos pela Companhia Estrada de Ferro e Minas São Jerônimo²⁰, com suas linhas sóbrias e despojadas, é um exemplo emblemático de conciliação entre a linguagem clássica e a economia de meios que caracterizou o uso deste vocabulário pela indústria neste período. Seus três blocos simétricos têm as fachadas demarcadas por pilastras e coroamento definido por cimalha e platibanda. Contrariando a gramática clássica, entretanto, as pilastras não têm capitéis.

A sobriedade também caracteriza o tratamento de elementos da linguagem clássica – colunas, pilastras, molduras e pórticos – nos prédios do clube, do escritório e do alojamento para solteiros erguidos pelo Frigorífico Armour em Livramento, também no Rio Grande do Sul²¹.

O prédio da escola da Fábrica São Brás, construído em 1926, em Salvador²², apresenta uma composição de fachada simétrica, pontuada por quatro pilastras, que definem um corpo central e dois laterais. Entablamento e platibanda integram a composição. Janelas e portas têm verga em arco pleno, as quais encontram correspondência no frontão arqueado.

A presença de construções com fachadas dotadas de frontões pode ser registrada em moradias – como casas geminadas em Moreno – ou em equipamentos de uso coletivo – como o prédio de armazém de consumo de Camaragibe²³. São frontões destituídos de ornatos, os quais compõem fachadas simétricas, delimitadas por pilastras e com vãos guarnecidos por molduras. Em Paulista, em algumas casas, acima da cornija eleva-se um frontão escalonado.

Os galpões construídos para abrigar o Frigorífico São Domingos, em Bagé, Rio Grande do Sul²⁴, dotados de frontões, óculos e cornija, recuperam – também de forma muito simplificada – elementos da linguagem clássica. De forma ainda mais despojada, as construções de pedra erguidas na década de 1880, que abrigaram a fábrica de papel da Companhia Melhoramento, em Caieiras – com seu frontão e vãos em arco pleno – não deixam de incorporar motivos da linguagem clássica.

A manifestação mais usual de resquícios do vocabulário clássico na arquitetura de vilas e

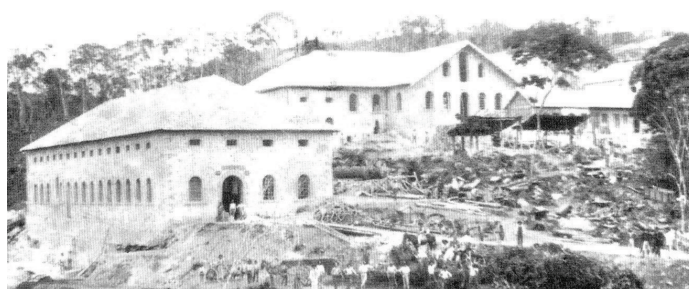


Figura 36a: Frigorífico São Domingos, em Bagé, Rio Grande do Sul. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 1997.

Figura 36b: Fábrica da Companhia Melhoramentos, em Caieiras, São Paulo.

Figura 37: Charqueada Santa Tereza, fundada em Bagé, Rio Grande do Sul, em 1908. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 1997.

Figura 38: Casas erguidas pela Indústria de Tecidos Rheingantz Rio Grande, Rio Grande do Sul a partir de 1884. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 1997 (desenho da planta baixa feito com base em imagens publicadas em GUIGOU-NORRO, 1995, p. 75). Legenda: 1. Quarto; 2. Sala; 3. Cozinha; 4. Sanitário.



²¹ Em 1917, uma filial do frigorífico americano Armour se instalou em Livramento. Junto às suas instalações, o frigorífico criou um núcleo fabril com casas e hospedarias para solteiros. Um ano após o início do funcionamento do frigorífico, este núcleo já contava com 335 moradias, além de farmácia, armazém de consumo, açougue, padaria, etc (PESAVENTO, 1988, 82). Destas casas, a maioria eram barracos erguidos pelos operários. Cerca de 42 delas eram moradias bem construídas destinadas a gerentes e funcionários. Ainda na década de 1910, seria acrescentado ao núcleo um clube e um estádio. Depois, seriam implantados uma escola, um cinema e um posto médico.

²² Esta escola e uma vila operária foram construídas na Rua Úrsula Catarino, que dá acesso à Fábrica de Tecidos São Brás.

²³ O núcleo fabril Camaragibe foi fundado em 1891, pelo engenheiro e militante do “catolicismo social” Carlos Alberto de Menezes. Em Camaragibe, além da fábrica de tecidos, havia fábrica de tijolos, dois açudes, matas, oficinas, sistema de abastecimento de água e de esgotos, moradias, armazém, padaria, escolas e consultório médico. Em 1895 a fábrica contava com 700 operários e já havia construído 156 casas. Em fins da década de 1930 contava com cerca de 500 casas e dois alojamentos para solteiros.

²⁴ Em área rural do município de Bagé, o Frigorífico São Domingos criou um pequeno núcleo fabril com igreja, escola, posto médico e moradias.

²⁵ Em 1909 este conjunto contava com cerca de 180 casas, igreja, escola, teatro, enfermaria e armazém de consumo (SILVEIRA, 1979, 500).

²⁶ A Indústria de Tecidos Rheingantz fundada em 1873 criou uma vila operária que chegaria a ter cerca de 180 casas, uma habitação coletiva, escola, armazém cooperativo, ambulatório médico, jardim de infância, *continua próxima pág.*

núcleos fabris se manifestou através dos blocos e casas operárias. São expressões não eruditas deste vocabulário, que traduzem a forma como ele se difundiu junto às camadas médias e pobres da população, a partir de edificações comandadas por pedreiros e mestres de obras.

Um exemplo localiza-se na Charqueada Santa Tereza, inaugurada em 1908, em área rural no município de Bagé, que ergueu bloco de casas de porta e janela. O bloco tem pilastras nas extremidades e é dotado de platibanda, entablamento e cercaduras²⁵.

Outro exemplo, também no Rio Grande do Sul, são alguns dos blocos de casas erguidos pela Indústria de Tecidos Rheingantz, na cidade de Rio Grande, com características semelhantes às da acima tratada, exceto pela ausência de cercaduras e/ou de platibanda em parte das casas²⁶.

As construções da Fundação Vesúvio no Recife – fábrica, casa do industrial e vila operária – erguidas no final do século XIX, incorporam elementos da linguagem clássica: as 14 casas semelhantes para operários têm entablamento, cercaduras e platibanda; enquanto o sobrado do industrial tem uma composição de fachadas simétrica, dotada de pilastras, cornija, cercaduras, frontão dotado de óculo e platibanda.

Algumas das casas da Vila Operária da Fábrica Santa Adélia²⁷, em Tatuí, erguidas na primeira década do século XX, revelam na fachada - com composição simétrica e entablamento - indícios do vocabulário clássico.

Também remete à linguagem clássica a vila operária edificada na cidade do Rio de Janeiro, pela Companhia de Fiação e Tecidos Confiança Industrial. Suas casas eram dispostas em bloco, sem recuos laterais ou frontais. Algumas eram sobrados abrindo para ruas, enquanto outras eram construções térreas voltadas para o interior do quarteirão. Nas primeiras, as fachadas incorporaram platibandas, cercaduras e entablamento, enquanto nas últimas surgem despojadas. A vila, que cresceu progressivamente nas duas últimas décadas do século XIX e nas três primeiras do século XX²⁸, foi assim descrita em 1906 pelo engenheiro Everardo Backhauser:

“Por uma rápida visita à villa operária da Fábrica Confiança, em Villa Isabel, tive impressão bastante agradável. Há casas térreas e casas de dois pavimentos, perfeitamente independentes uma das outras, dispostas em fila, com todos os cômodos bem arejados e iluminados, variando o número de cômodos de três a cinco” (BACKHAUSER, 1906, 98).

Outros exemplos que remetem à linguagem clássica encontram-se: na Vila Santa Luzia no Recife; na vila operária da fábrica Peixe em Pesqueira²⁹; na Vila da Passagem em Sergipe³⁰; na Vila Maria Matarazzo e em outras casas construídas pela Matarazzo no bairro do Brás em São Paulo³¹; e na Vila Diogo em Fortaleza. Nestes casos também se operou uma grande simplificação dos elementos, com a redução do entablamento à cornija. No caso da Vila Diogo, junto às casas foi erguido pela fábrica um prédio destinado à Prensa Hidráulica, o qual também remete à linguagem clássica com sua composição simétrica, dotada de frontão, entablamento e balaustrada.

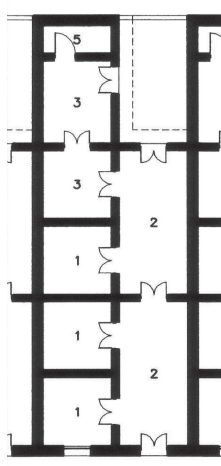
Pedra: vestígios da linguagem clássica e lógica fabril

Um dos mais expressivos conjuntos criados por indústria no Brasil, remetendo à linguagem clássica foi provavelmente o núcleo fabril de Pedra, construído entre 1912 e 1916, no sertão de Alagoas, por Delmiro Gouveia. Sua arquitetura remete àquela inspirada em modelos coloniais de habitação rural tratada no início deste artigo, expressando, entretanto, maior semelhança a esses modelos que os exemplos citados em Butiá, Rio Tinto e no Recife. Em Pedra havia 250 casas, escola, hotel, cinema, pista de patinação e campo de futebol. Nela algum resquício do vocabulário clássico surge na quase totalidade das construções criadas nos seus primeiros anos de existência, compondo um conjunto de grande unidade formal. O fato de tratar-se de uma versão extremamente despojada, econômica e incompleta desta linguagem - com seus prédios simples, erguidos com materiais baratos e destituídos de ornatos - não compromete a expressividade do conjunto. Na sua paisagem, o branco que recobria todas as suas construções, realçando os frontões e as longas fileiras de pilares, submete-se a um conceito clássico de ordem e beleza, que antes de prejudicado parecia ser valorizado pelo escasso repertório formal mobilizado.

Figura 39: Vila Operária da Fábrica Santa Adélia, Tatuí, São Paulo. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 1997.



Figura 40: Vila operária da Fundação Vesúvio no Recife. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 2008. Legenda da planta baixa: 1. Quarto; 2. Sala; 3. Copa e Cozinha; 4. Sanitário.



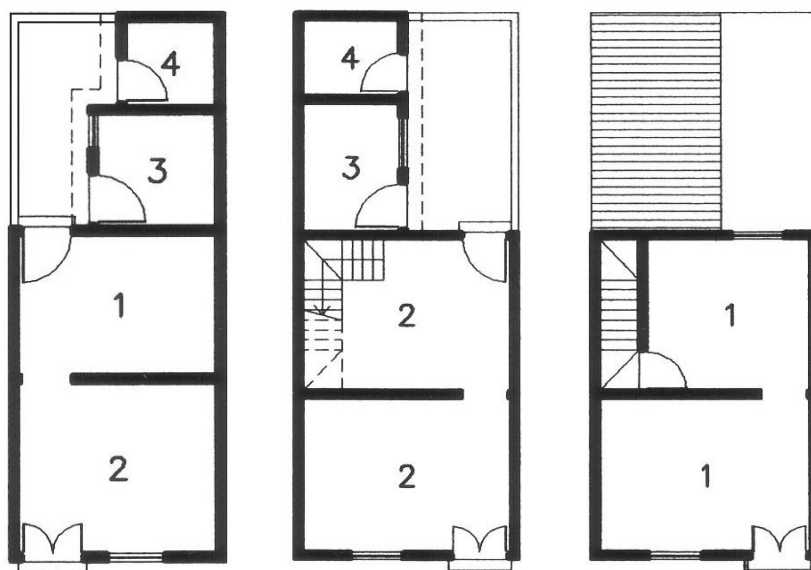


Figura 41: Casas erguidas pela Companhia de Fiação e Tecidos Confiança Industrial na cidade do Rio de Janeiro a partir da década de 1880. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 1996. (desenho das plantas baixa com base em projeto original publicado em ALBERNAZ, 1985, 142). Legenda: 1. Quarto; 2. Sala; 3. Cozinha; 4. Sanitário.

Figura 42: Vila Santa Luzia, criada no bairro da Torre, no Recife, a partir de 1890, pela Companhia de Fiação e Tecidos de Pernambuco S.A. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 1995.





Figura 43: Vila operária da Fábrica Peixe, fundada em 1900, em Pesqueira, Pernambuco. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 2005.

Figura 44: Blocos de casas no núcleo fabril criado a partir de 1907, pela Fábrica da Passagem, em Neópolis, Sergipe. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 1995.

Figura 45: Projeto de grupo de casas para operários e Vila Maria Matarazzo, das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, no Brás, em São Paulo. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 2001 (desenhos de fachada e planta baixa feitos com base em projeto original publicado em BENCLOWICZ, 1989, p.437). Legenda: 1. Quarto; 2. Sala; 3. Cozinha; 4. Sanitário.

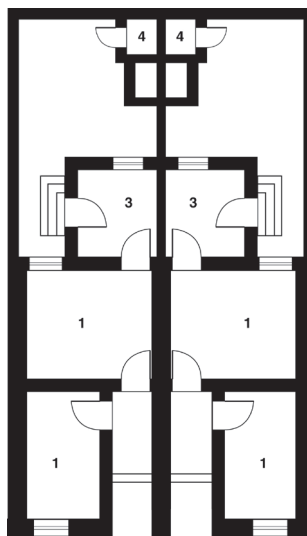
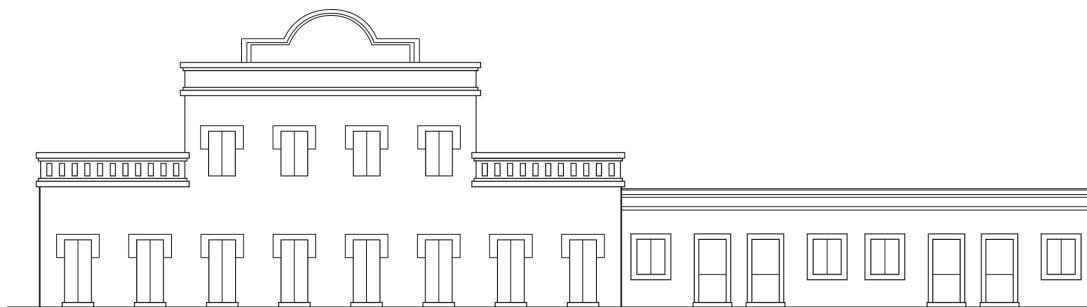


Figura 46: Prédio da Prensa Hidráulica e casas na Vila Diogo, construída em 1922, em Fortaleza. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila (desenho feito com base em imagem publicada em ANDRADE, 1990, p. 169).



associação beneficente e um clube. A vila foi construída durante um longo período, que se estende de 1885 à década de 1960.

27 Além de um conjunto de moradias para seus operários, esta fábrica ergueu uma escola.

28 Em 1927, o total de casas desta vila chegou a 187 (ALBERNAZ, 1985, 57-64). As casas se somaram, clube, creche, escolas e posto médico.

29 No município de Pesqueira, a Fábrica Peixe ergueu algumas vilas operárias e uma escola.

30 Este núcleo fabril reuniu 270 moradias, armazém de abastecimento, escola, capela, clube e campo de futebol.

31 Esta vila era composta por cerca de 35 casas e pertenceu às Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo.

32 Delmiro Gouveia iniciou sua trajetória como empresário na condição de comerciante de couros. Foi proprietário do Mercado de Derby, no Recife, uma ampla construção eclética construída sob sua orientação. Antes de se transferir para Alagoas, foi gerente da Usina Beltrão. As referências arquitetônicas de Delmiro podem ser localizadas no universo urbano e rural nordestino - amplamente conhecido por este como comprador de couros - e na arquitetura que conheceu em suas viagens ao Rio de Janeiro, Europa e Estados Unidos, as quais incluíram visitas às Exposições de Chicago de 1893 e de Paris de 1900 (CORREIA, 1998).

Pedra foi inteiramente concebida e teve sua construção comandada diretamente pelo industrial Delmiro Gouveia³². Neste núcleo fabril, a ordem clássica se expressa na regularidade e ortogonalidade que norteiam o desenho das vias e das construções, características que são acentuadas por uma arquitetura demarcada por longos blocos dotados de frontões e de galerias pontuadas por pilares.

A legibilidade foi uma marca da ordem espacial de Pedra. Seus amplos blocos de casas padronizadas são ao mesmo tempo grandiosos e singelos. Seu ordenamento espacial é herdeiro do espírito barroco em termos da preocupação com os efeitos de conjunto. Suas construções em blocos regulares desenhavam ruas largas e retílineas e amplos pátios, afirmando uma intenção estética na composição de espaços e perspectivas. No Brasil, em termos de assentamentos urbanos, Pedra se aproxima da experiência das Missões Jesuíticas na ortogonalidade do traçado, embora sua ordem espacial se apresente menos rígida que o plano destes lugares. Também se aproxima das Missões na regularidade das construções e, ainda, na ampla presença de alpendre percorrendo fachadas de moradias e de prédios de uso coletivo.

As baixas densidades, os grandes vazios e a preocupação com limpeza e arejamento das construções tornam Pedra, por outro lado, herdeira das inovações de ordem sanitária e referentes a segurança que nortearam o urbanismo, especialmente, a partir das últimas décadas do século XIX. O baixo valor da terra em plena caatinga não criava entraves à dispersão desejada. Os blocos de casas se espalhavam dando lugar a ruas largas, generosas vias sanitárias, amplos quintais e vastos pátios. O uso da cor branca recobrendo todas as suas construções remete tanto à tradição colonial luso-brasileira, quanto e à noção de higiene e limpeza, rigidamente imposta por Delmiro Gouveia em Pedra.

Outro importante definidor do ordenamento espacial de Pedra parece ter sido a busca de visibilidade a partir da ferrovia. A fábrica, as casas do industrial e de seu sócio, o cinema e os primeiros blocos de casas construídos dispunham-se à margem da Estrada de Ferro Paulo Affonso.

Neste núcleo fabril, a composição vinculada à linguagem clássica – que recobre todas as construções erguidas por Delmiro Gouveia, com exceção da própria fábrica - alcança grande unidade formal. A base desta unidade repousa na repetição de uma tipologia básica: longos blocos pintados de branco dotados de frontões e de alpendre. Apoiadas em longa sucessão de colunas de alvenaria de seção circular, os alpendres - presentes tanto nos grupos de moradias operárias, quanto nas casas dos industriais e nos equipamentos de uso coletivos - conferem regularidade aos blocos e monumentalidade ao conjunto. A matriz destes blocos de habitações – sobretudo quando vistos da fachada voltada para o pátio da fábrica – é um templo grego: um edifício retangular, com fachada principal dotada de frontão, e com pórticos dotados de colunas nas fachadas laterais e na frontal.

Fruto da ação de um leigo na arte de construir - o comerciante e industrial Delmiro Gouveia - o resquícios de classicismo em Pedra parecem estabelecer um vínculo maior com nossa tradição colonial, que com o neoclassicismo que se difundiu no Brasil no século XIX. Assim, contrariando o vocabulário e as normas de composição da arquitetura clássica, as colunas em Pedra não são acompanhadas de entablamento: apoiam diretamente o madeiramento dos telhados como nas antigas casas grandes e senzalas dos engenhos nordestinos. Com suas formas simplificadas, estas colunas não seguem qualquer ordem, embora - tendo pedestal, fuste liso e ábaco quadrado - se aproxime da toscana, ordem que prevaleceu nas colunas de nossas fazendas coloniais.

Em Pedra, a monumentalidade é acentuada na face no núcleo voltada para o pátio da fábrica, constituída por uma sucessão de prédios dotados de frontão e de galeria percorrendo a fachada principal e uma ou as duas laterais. Em um destes prédios - destinado a cinema – a composição se sofisticou, pela maior altura, criação de platibanda e de óculo no frontão. Os outros destes prédios eram blocos de casas, nos quais a fachada principal da primeira casa - que correspondia a uma casa maior, destinada a chefe – a qual se deslocava para uma das laterais do bloco, enquanto uma longa sucessão de colunas correspondia às fachadas das casas menores.

Figura 47: Pedra. Fonte: CORREIA, 1998, p. 204. Legenda: 1. Rua Rio Branco; 2. Rua José Alencar; 3. Rua Floriano Peixoto; 4. Rua Ruy Barbosa; 5. Rua 15 de Novembro; 6. Rua 13 de Maio; 7. Rua 7 de Setembro; 8. Depósitos da Fábrica; 9. Residência de Delmiro Gouveia; 10. Curtume; 11. Tronco; 12. Rink; 13. Fábrica; 14. Segunda residência de Delmiro Gouveia (fora do núcleo fabril); 15. Estação Ferroviária; 16. Açude; 17. Reservatório de Água; 18. Cassino; 19. Loja; 20. Via férrea; 21. Chafariz.

Figura 48: Pedra, Alagoas, em 1929 vendo-se à esquerda o prédio do cinema. Fonte: Museu Regional Delmiro Gouveia.

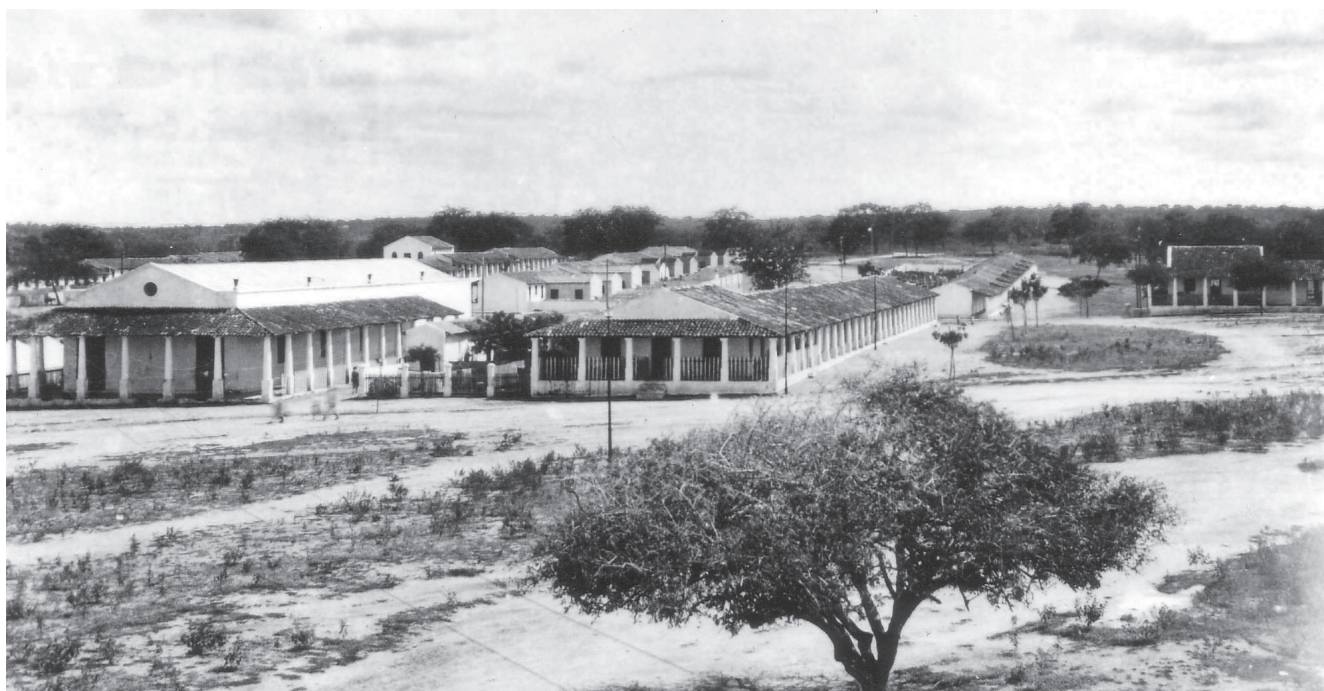
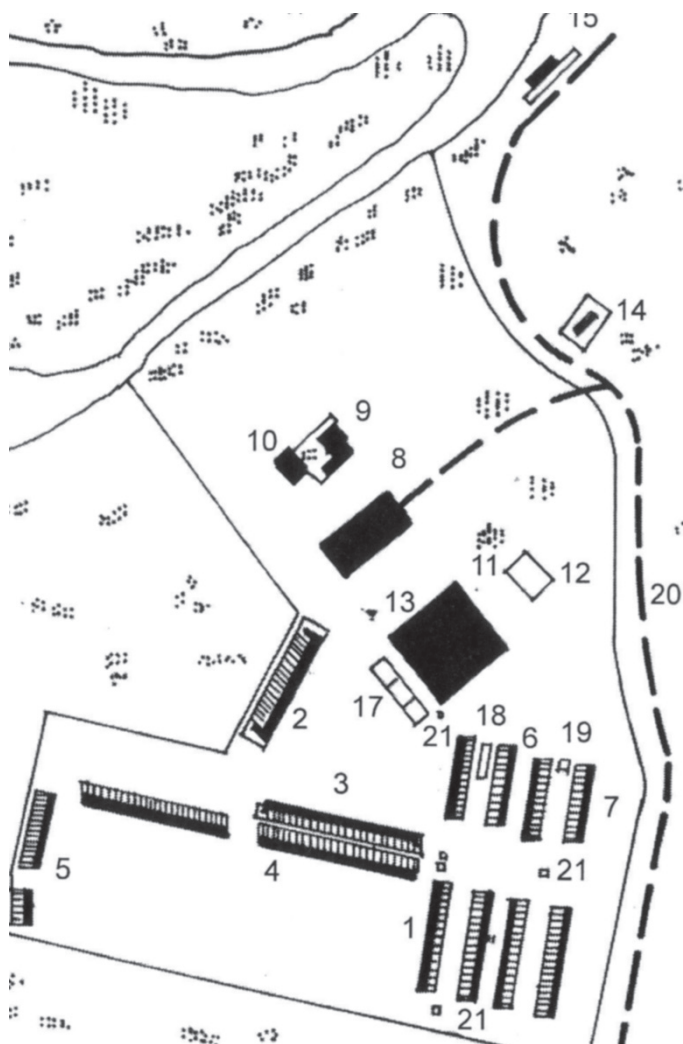
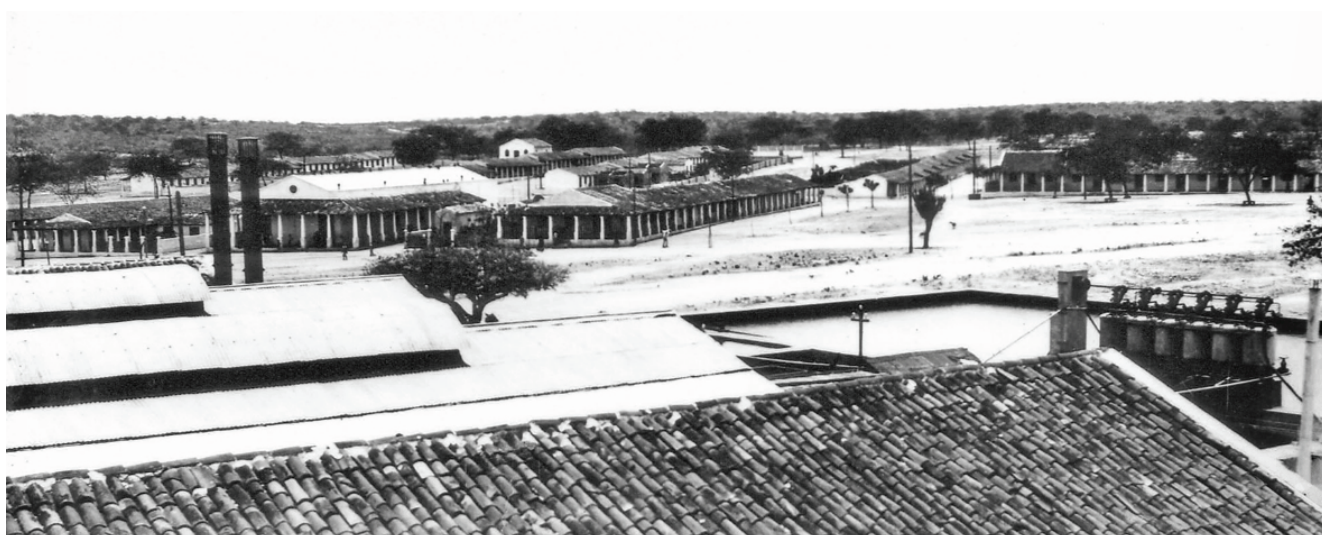


Figura 49: Pedra, Alagoas.
Fonte: Museu Regional Delmiro Gouveia.

Figura 50: Pedra, Alagoas,
em 1929, fotografada a partir
do telhado da fábrica. Fonte:
Museu Regional Delmiro
Gouveia.

Figura 51: Pedra, Alagoas,
em 1929, fotografada a partir
do pátio da fábrica. Fonte:
Museu Regional Delmiro
Gouveia.



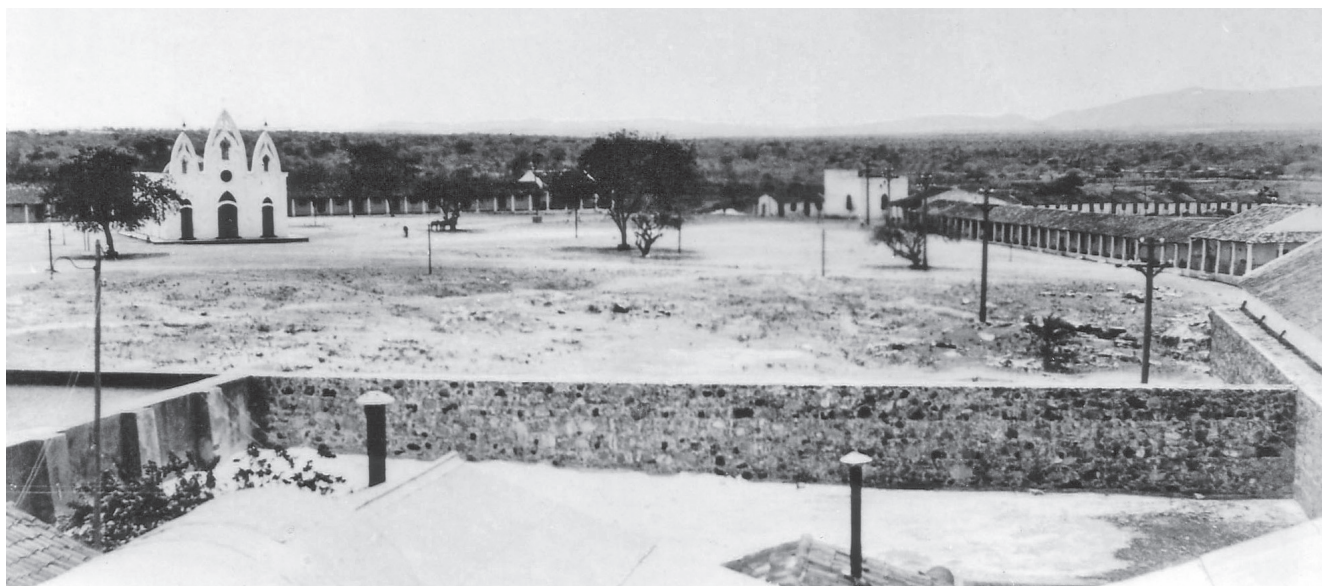
O fato de conjunto ser constituído de construções simples de alvenaria caiadas, não reduzia sua grandiosidade, a qual era sublinhada pela exemplar limpeza das construções e espaços abertos. Esta ordem espacial, aliada à disciplina imposta por Delmiro Gouveia, tornou Pedra objeto de admiração de muitos visitantes ilustres que a visitaram na década de 1910, entre os quais se situam Oliveira Lima, Oliveira Vianna, Assis Chateaubriand, etc. (CORREIA, 1998).

Após a morte de Delmiro Gouveia em 1917, o núcleo fabril praticamente não sofreu ampliações por alguns anos, nos quais, entretanto, foi acrescido de uma igreja, cujas linhas ecléticas e implantação em meio a um grande pátio, contrastam fortemente com a sobriedade das galerias que percorrem as fachadas das casas em sua volta.

Nas moradias de Pedra, os elementos vinculados à linguagem clássica, eram conciliados a soluções fundamentados em preocupações referentes a higiene, economia e segurança. Assim, a casa operária padrão era uma construção extremamente simples – com telha vã, piso de cimento, porta e janelas em folhas de madeira e paredes de alvenaria caiadas - e programa e dimensões mínimos - com sala, cozinha, dois quartos e quintal, com sanitário. Entretanto, atendendo a demandas higienistas, todos os cômodos tinham janelas para o exterior. Questões referentes a segurança conduziram à construção nas esquinas de moradias mais amplas destinadas aos funcionários graduados, os quais na condição de “inspetores de quarteirão”, tinham entre suas funções a de zelar pela manutenção da ordem e do asseio entre seus vizinhos (CORREIA, 1998).

Figura 52: Pedra, Alagoas, detalhe a coluna do alpendre. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 1994.

Figura 53: Pedra em 1929, Alagoas, vendo-se a igreja construída na década de 1920. Fonte: Museu Regional Delmiro Gouveia.



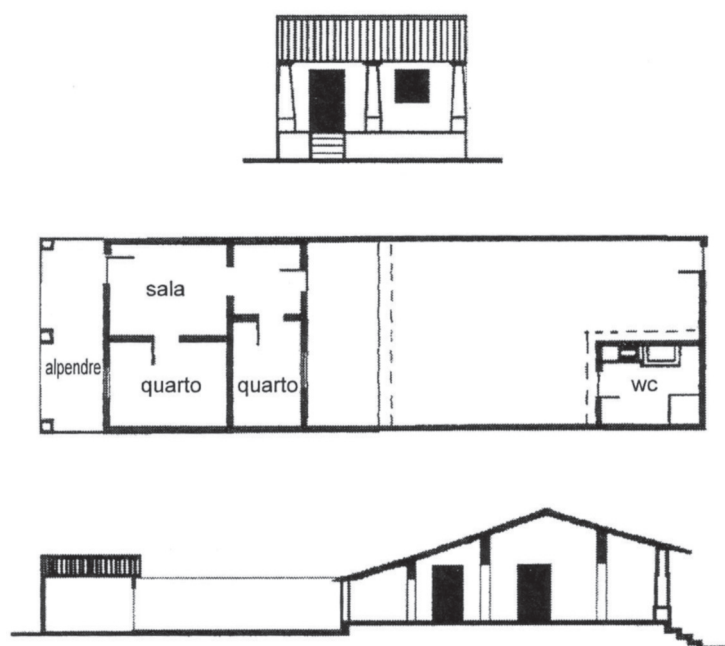


Figura 54: Casa de operário em Pedra. Fonte: CORREIA, 1998, p. 210.

Figura 55: Casa destinada a funcionário graduado em Pedra. Fonte: CORREIA, 1998, p. 211.

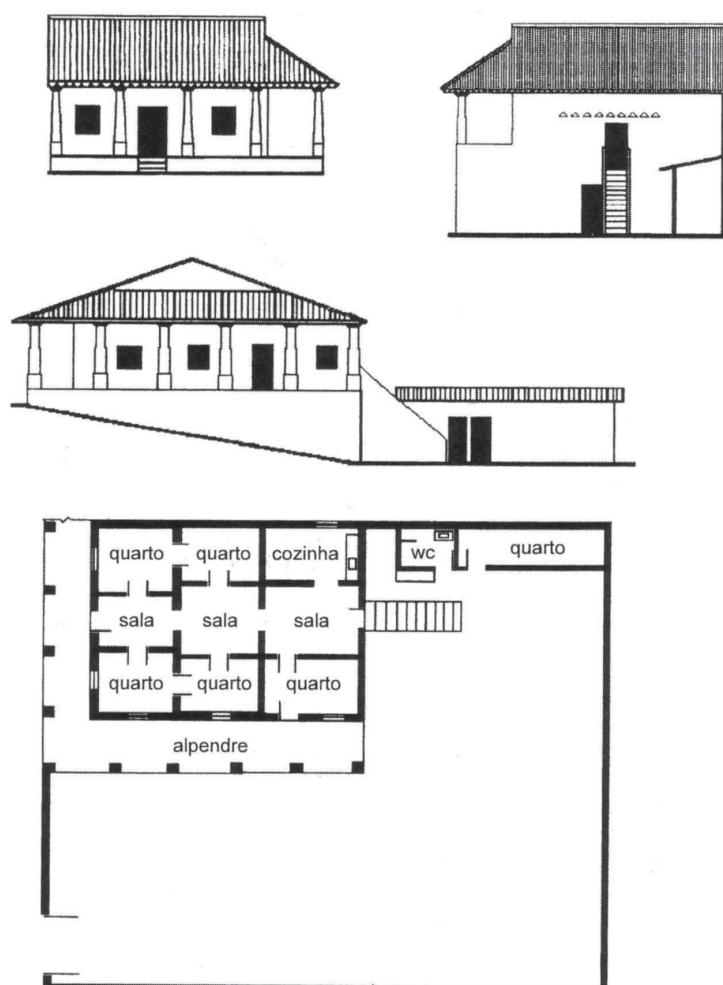




Figura 56: Pedra, Alagoas, vendo-se as casas com alpendres reformados. Fonte: Acervo da pesquisa Nuvila, 1994.

Nas moradias destinadas aos funcionários graduados os espaços se ampliavam e era estabelecida uma nítida especialização e separação entre os locais para visitas/estar, repouso e serviços. Nelas a planta abandona o padrão colonial, com a abolição do corredor, a substituição das alcovas (apenas uma é mantida) por quartos, a incorporação da cozinha ao corpo da casa e a aproximação do sanitário à casa (embora ainda na condição de construção anexa). A disposição rigorosamente simétrica e regular dos nove cômodos que compõem o corpo central da casa, não deixa de remeter aos modelos de composição clássicos, os quais vinham sendo abandonados em construções burguesas em função, sobretudo, de demandas referentes a privacidade. Conforme salientava Viollet-le-Duc em 1873 referindo-se à Europa, as mansões vinham perdendo a simetria e regularidade das plantas das casas nobres antigas, pela criação de corredores e ante-salas, destinados a proteger o interior da casa de estranhos e os seus aposentos privados de criados (VIOUET-LE-DUC, 1987).

Arquitetura e organização espacial: tendências e exceções

A arquitetura tratada neste trabalho expressa uma apropriação vaga e parcial e, salvo exceções,

também despojada e econômica de elementos da linguagem clássica. Tal apropriação dá-se através do emprego de um ou mais componentes de seu repertório estilístico, tais como pilastras, cercaduras, frontões, óculos, cornijas, colunas, entablamento e platibanda. Estes componentes surgem em fábricas, em prédios de uso coletivo (hospital, escola, clube, alojamento e armazém de consumo), em casas de industriais e de gerentes e em habitações para operários.

Nota-se que alguns condicionantes interferem na composição destas construções. Um primeiro diz respeito à economia de meios que condiciona as construções em geral, a qual, entretanto, recebe interferência de um segundo condicionante, que diz respeito à posição hierárquica do prédio no conjunto fabril. Assim, por exemplo, comparadas com as moradias dos operários, as casas de industriais e de gerentes, são maiores, mais requintadas e empregam com maior profusão e mais fidelidade às regras de composição os ornatos e elementos do repertório clássico. No âmbito dos prédios ligados diretamente à produção, um tratamento privilegiado costuma ser conferido ao prédio reservado aos escritórios e à entrada principal da fábrica, em detrimento de fachadas de galpões e depósitos.

A economia de meios também é condicionada pela visibilidade do prédio e por normas urbanísticas, fatores que provavelmente interferiram no uso ou não de platibandas em casas para operários. Nota-se que este elemento está presente com frequência em habitações erguidas em cidade, onde era usual a existência de leis exigindo sua construção. Assim, a quase totalidade das moradias destituídas de platibandas estava localizada em núcleos fabris. Nos raros casos nos quais casas com estas características foram identificadas em cidades, estão situadas ou em vilas operárias localizadas em arrabaldes distantes ou, quando erguidas em vilas operárias localizadas em áreas centrais, surgem apenas nas habitações às margens das vielas internas das vilas.

Um elemento que não foi identificado em vilas operárias urbanas – exceto na vila operária do Cotonifício Othon Bezerra de Mello, em subúrbio do Recife – foi o alpendre. A quase restrição do emprego deste elemento a núcleos fabris, parece sinalizar o maior vínculo entre a ordem destes lugares e aquelas de engenhos e fazendas do século XIX.

Na organização espacial dos conjuntos compostos pelas fábricas e suas construções anexas, algumas tendências podem ser identificadas: o vínculo visual existente entre a fábrica e as moradias de padrões e operários; a ocorrência de pátios em frente à fábrica; e a implantação das construções em ruas de traçado retilíneo e, frequentemente, também gerando uma malha ortogonal. Diferenças profundas, entretanto, podem ser identificadas entre os conjuntos situados em cidades e aqueles localizados no campo. Comparando o núcleo fabril de Pedra - situado em fazenda pertencente à fábrica - com a vila operária da fábrica São Martinho – situada em bairro de Tatuí -, observa-se que no último a disposição dos prédios é mais compacta, questão associada ao preço mais elevado da terra. Em Pedra, as ruas se alargam, vias sanitárias são criadas, enquanto os pátios se sucedem e se ampliam.

Nos exemplos tratados, as moradias de operários são, sobretudo, casas térreas de porta e janela, dispostas em renque, desprovidas de recuos frontais ou laterais, com telhados em duas águas, com cumeeira perpendicular à rua e com telhas cerâmicas do tipo canal. Em alguns casos tais conjuntos de casas surgem dotados de galeria. As únicas exceções a este padrão localizadas entre as moradias tratadas

no texto, foram os sobrados da Fábrica Confiança no Rio de Janeiro, as casas geminadas duas a duas em Rio Tinto e Moreno e aquelas dispostas em pequenos conjuntos, algumas dotadas de jardim frontal, em Paulista.

Dois modelos freqüentes de organização de planta foram identificados. Coerente com a implantação e o terreno estreito e comprido, a planta em grande parte dos exemplos estudados segue a disposição usual no período colonial e no século XIX: sala; corredor; alcovas (geralmente duas ou três); copa/cozinha. Em outros casos, o corredor é abolido e o corpo central da moradia surge dividido em quatro cômodos – sala, copa/cozinha e dois quartos – com áreas mais ou menos equivalentes. O sanitário com freqüência, surge em um pequeno bloco anexo, podendo se abrir para o interior das casas ou para o quintal.

Este segundo modelo de planta – permitindo a abertura de janelas em todos os cômodos - difundiu-se atendendo a demandas higienistas. Tais demandas também orientaram uma alteração de casas que adotam o primeiro tipo de planta, quando surgem geminadas duas a duas, com as alcovas dando lugar a quartos dotados de janelas abrindo para a fachada lateral. Ainda atendendo a requisitos desta natureza, identificou-se um caso – casas da Fábrica Bonfim, no Rio de Janeiro - de criação de porão, elemento que separando o piso do solo era entendido como solidário com a redução da umidade no interior das habitações. Preceitos higienistas também orientaram a criação de áreas descobertas juntos aos quartos em casas da Rheingantz, permitindo conciliar o padrão tradicional de planta com a abolição das alcovas..

Entre as casas para operários pesquisadas, as da Fundação Vesúvio, no Recife, se diferenciam pela forma e pelo tamanho. Dotadas de duas salas, corredor, um quarto, duas alcovas, copa, cozinha e sanitário, podem ser entendidas como um momento de transição entre os dois modelos básicos acima mencionados: abole o corredor, mas mantém as alcovas. Com seus oito cômodos aproxima-se do padrão de moradia de classe média do final do século XIX, exceto pelo tamanho reduzido do quintal e pela ausência de quartos para empregadas.

Em termos da composição da fachada das casas operárias em renque, foi possível observar três

tendências básicas: o padrão colonial de porta e janela – intercaladas quando há uma janela ou com a porta em um extremo da fachada; uma composição simétrica composta por duas casas do tipo acima, porém geminadas e com as duas portas dispostas no centro da fachada; e uma composição simétrica de cada casa individualmente, com a porta se deslocando para o centro da fachada. Nos dois últimos casos, foi comum a existência de uma pilastra demarcando os limites das fachadas da casa ou das duas casas geminadas que integram a composição.

A fachada tradicional assimétrica vincula-se à planta tradicional compostas por sala, corredor, alcovas ou quarto; copa/cozinha. Nota-se, entretanto, que mesmo quando o corredor é eliminado e a planta se alarga um pouco, este padrão de composição de fachada tende a ser mantido. Entre os exemplos estudados, são raros aqueles nos quais esse último padrão de planta articula-se a uma fachada simétrica com porta no centro.

Nas casas destinadas a gerentes e proprietários o tamanho se expande, o programa se amplia e a planta tende a se alargar e a assumir formas mais variadas. A ornamentação tende a ser mais profusa e a composição um pouco mais comprometida com as regras e o vocabulário clássico. Delas, a alcova tende a desaparecer, enquanto jardins frontais e/ou laterais são criados.

A construção em alvenaria de tijolos – presente em todos os casos tratados – reflete a difusão do material, correlata à tímida industrialização do ramo da construção expressa na difusão de olarias. Eventuais gradis em ferro são outras expressões da industrialização de materiais de construção, estes, entretanto, restritos entre as construções estudadas a alguns poucos exemplos de casas mais requintadas.

Reafirmando a persistência da linguagem clássica na arquitetura, o caso de Pedra e os demais tratados neste artigo, com suas fortes continuidades em relação à tradição arquitetônica colonial e clássica, representaram durante o período de 1880 e 1950 uma vertente importante na história dos espaços produzidos pela indústria no Brasil. Em outras vertentes tais continuidades se revelarem de formas

mais discretas em construções penetradas por diferentes estilos arquitetônicos, que vão do gosto eclético à estética fabril, passando por outros estilos – missões, art déco, etc. – correntes na primeira metade do século XX.

Bibliografia e Fontes

- ALBERNAZ, Maria Paula. *As Vilas: uma contribuição à história da arquitetura popular no Rio de Janeiro através do estudo de espaço urbano*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1985. Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional.
- ANDRADE, Margarida Júlia Farias de Salles. *Onde moram os operários... vilas operárias em Fortaleza: 1920-1945*. Salvador, FAU-MAU, 1990. Dissertação de Mestrado.
- BACKHEUSER, Everardo. *Habitações Populares. Relatório Apresentado ao Exm. Sr. Dr. J. J. Seabra, Ministro da Justiça e Negócios Interiores*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1906.
- BALLEIRAS, Mary Helle Moda. *Indústria e Habitação. Arquitetura fabril no interior de São Paulo*. São Carlos, EESC-USP, 2002. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo.
- BANDEIRA JÚNIOR, Antonio Francisco. *A Indústria no Estado de São Paulo em 1901*. São Paulo, Typ. do Diário Oficial, 1901.
- BENCLOWICZ, Carla Milano. *Prelúdio Modernista. Construindo a Habitação Operária em São Paulo*. São Paulo, USP, 1989. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo.
- BLAY, Eva A. *Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo, Nobel, 1985.
- CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. *Trama e Fios: a fábrica têxtil em Minas Gerais*. IFCH-UNICAMP, Campinas, 1986. Dissertação de Mestrado em História.
- CASTAGNO, Mara Rosana. *Produção e gestão do espaço construído em áreas de ocupação popular: Plataforma, um estudo de caso*. Salvador, Faculdade de Arquitetura da UFBA, 1990. Dissertação de Mestrado.
- COSTA, Alfredo R. da. *O Rio Grande do Sul*. V.II. Porto Alegre, Livraria Globo, 1922.
- CORREIA, Telma de Barros. *Pedra: plano e cotidiano operário no sertão*. Campinas, Papirus, 1998.
- D'ARACE, Rômulo Campos. *Princesa do Norte (História de Pindamonhangaba)*. São Paulo, Ed. Piratininga, 1954.
- Exposição Industrial: Fábricas de Tecidos. *Gazeta de Notícias*, 23 nov. 1895.
- GIROLETTI, Domingos. *Fábrica Convento Disciplina*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1991.
- GOMES, Geraldo. *Engenho & Arquitetura*. 2 ed. Recife, Fundação Gilberto Freyre, 1998.

- GUIGOU-NORRO, Julio Ariel. *A vila operária na república velha: o caso Rheingantz. Conceito e materialidade da sua arquitetura*. Faculdade de Arquitetura da UFRGS, Porto Alegre, 1995. Dissertação de Mestrado.
- INDÚSTRIA MANUFACTUREIRA. *O Auxiliador da Indústria Nacional*, Rio de Janeiro, N.1, janeiro 1885. pp. 4-6.
- MAYERHOFER, Lucas. *Reconstrução do Povo de São Miguel das Missões*. Rio de Janeiro, Faculdade Nacional de Arquitetura, 1947. Tese de Concurso para Provimento da Cadeira de Arquitetura Analítica.
- MOREIRA, Danielle Couto. *Arquitetura ferroviária e Industrial: os casos de São João Del-Rei e Juiz de Fora (1875-1930)*. São Carlos, EESC-USP, 2007. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo.
- OLIVEIRA, Sônia Maria Gonzaga de. *Montanhas de Pano: fábrica e vila operária em Santo Aleixo*. Rio de Janeiro, UFRJ-Museu Nacional, 1992. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social.
- PANET, Amélia (org.). *Rio Tinto: estrutura urbana, trabalho e cotidiano*. João Pessoa, UNIPÊ Editora, 2002.
- PERES, Celina de J. G. *Cidade dos Pinheirais*. Caieiras, Perfil, Ed., 2008.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Burguesia Gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho (1889-1930)*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.
- PINTO, Alfredo Moreira. *A cidade de São Paulo em 1900*. Ed fac-similada. São Paulo, Governo do Estado, 1979.
- PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE. *Preservação dos Sítios Históricos*. Recife, 1981.
- REIS, Nestor Goulart. *Habitação Popular no Brasil: 1880-1920. Cadernos de Pesquisa do LAP*, São Paulo, FAU-USP, n. 2, set./out. 1994.
- SAIA, Helena. *Arquitetura e indústria. Fábricas de tecido de algodão em São Paulo, 1869/1930*. São Paulo, USP, 1989. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.
- SILVEIRA, Hemetério J. Velloso da. *As missões orientais e seus antigos domínios*. Porto Alegre, Cia. União de seguros Gerais, 1979.
- SUMMERSON, John. *A Linguagem Clássica na Arquitetura*. São Paulo, Martins Fontes, 1994.
- TAMM, Paulo. *A Família Mascarenhas e a indústria têxtil em Minas*. Belo Horizonte, Velloso e Cia, 1940.
- VARON, Conceição de M. Ferraz. *E a história se repete... as vilas operárias e os conjuntos residenciais dos IAPAS no Rio de Janeiro*. São Paulo, FAU-USP, 1987. Dissertação de Mestrado.
- VAZ, Alisson Mascarenhas. *Cia. Cedro e Cachoeira. História de uma empresa familiar, 1883-1987*. Belo Horizonte, Cia. de Fiação e Tecidos Cedro e Cachoeira, 1990.
- VIOLLET-LE-DUC, Eugène. *The State of Architecture in Europe*. In: *Lectures on Architecture*. New York, Dover, 1987.
- VON DER WEID, Elisabeth & BASTOS, Ana Maria Rodrigues. *O fio da meada; estratégia de expansão de uma indústria têxtil: Companhia América Fabril: 1878-1930*. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, Confederação Nacional da Indústria, 1986.
- WERNER, Helena Pignatari. *Raízes do Movimento Operário em Osasco*. São Paulo, Cortez, 1981.

The Modern Industry in the Classic Scene

Telma de Barros Correia

Abstract

The article deals with the industrial architecture built in Brazil in the period from 1880 to 1950. It approaches the architecture of plants and its attached constructions - houses, hospitals, schools, etc. -, investigating the occurrence of elements of the classic language and the modified and incomplete form as these elements are appropriate.

Keywords: plants, company towns, classical architecture.

La Industria Moderna en lo Escenario Clásico

Telma de Barros Correia

Resumen

El artículo trata de la arquitectura industrial en Brasil en el período de 1880 a 1950. Trata de abordar la arquitectura de las fábricas y de sus construcciones complementarias - casas, hospitales, escuelas, etc. -, investigando la ocurrencia de los elementos del vocabulario clásico y su apropiación de manera modificada e incompleta.

Palabras clave: fábrica; "villas obreras"; arquitectura clásica.